

KRISHNA

O Ladrão de Manteiga



KRISHNA

O Ladrão de Manteiga

*Shri Shrimad
Bhaktivedanta Narayana Goswami Maharaja*

*Esta obra foi publicada originalmente em inglês com o título
KRISHNA – THE BUTTER THIEF
por GVP – Gaudiya Vedanta Publications
Copyright © 2011 Bhaktivedanta Narayana Goswami Maharaja*

Tradução

Krsna Jivani dasi (Laura Pires Camargo)

Fidelidade da tradução e revisão

*Mahakala dasa (Marcio Lima Pereira Pombo)
e Malini dasi (Marinês Trindade)*

Ilustração, arte da capa e diagramação

Gauramani dasi (Gouramani Menezes)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP
BIBLIOTECA MUNICIPAL MARIETTA TELLES MACHADO

Narayana, Bhaktivedanta Goswami Maharaja

Krishna – O Ladrão de Manteiga / Bhaktivedanta Narayana
Goswami Maharaja – Rio de Janeiro: IGV 2011

Tradução de Krishna – The Butter Thief.
Obra de Shri Shrimad Bhaktivedanta Narayana Goswami
Maharaja.
ISBN 00-000-0000-0

1. Veda. 2. Filosofia hindu. I. Título

00-0000

AAA-000.000

Todos os direitos reservados – É proibida a reprodução total ou parcial da obra, de qualquer forma ou por qualquer meio, sem a autorização prévia e por escrito do autor. A violação dos Direitos Autorais (Lei no. 9610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal Brasileiro.

Convidamos os leitores interessados no assunto deste livro a visitarem nossos sites e blog e nossos templos e centros culturais no Brasil (veja lista de contatos no final deste livro):

www.purebhakti.com | www.bhaktibrasil.com
www.gauravani.com.br | igvi-editorial.blogspot.com

IMPRESSO NO BRASIL
Printed in Brazil 2011

Shri Shrimad Bhaktivedanta Narayana Goswami Maharaja



SHRILA BHAKTIVEDANTA NARAYANA Goswami Maharaja nasceu em 1921 em Bihar, Índia, próximo às margens do sagrado rio Ganges. Ainda jovem, renunciou à vida familiar e entregou sua vida aos pés de lótus de seu mestre espiritual para prestar serviço a Deus. Deste modo, aprofundou-se nos segredos intrínsecos do conhecimento espiritual.

Por mais de quarenta anos, viajou por toda a Índia ensinando este conhecimento transcendental e, a partir de 1996, passou a viajar pelos países ocidentais a fim de transmitir esta sublime sabedoria espiritual a todas as almas deste mundo.

Traduziu para o híndi mais de trinta textos sagrados do original em sânscrito e bengali, iluminando-os com seus próprios comentários.

Na era atual, é o expoente máximo no que se refere à sabedoria e ao conhecimento milenares (os Vedas) da Índia, tendo sido condecorado com o título “Yuga Acharya” (preceptor espiritual desta era) em virtude de suas profundas realização e erudição espirituais.

Em sua idade avançada, seu único interesse, ao viajar ao redor do mundo, é de despertar a consciência espiritual latente daqueles que dele se aproximam. Por sua misericórdia imotivada e seu inconcebível poder espiritual, ilumina as almas condicionadas quanto à sua identidade eterna, proporcionando-lhes visão divina do plano espiritual transcendental e da forma mais elevada de amor a Deus.

A CULTURA VÉDICA da Índia fundamenta-se em conhecimento esotérico num grau de evolução muito elevado – seus sábios alcançaram descobrir a alma! Em suas pesquisas sobre a Suprema Personalidade de Deus, também revelaram Sua presença interna e externamente, identificando e realizando, inclusive, diferentes níveis de relacionamento com Ele.

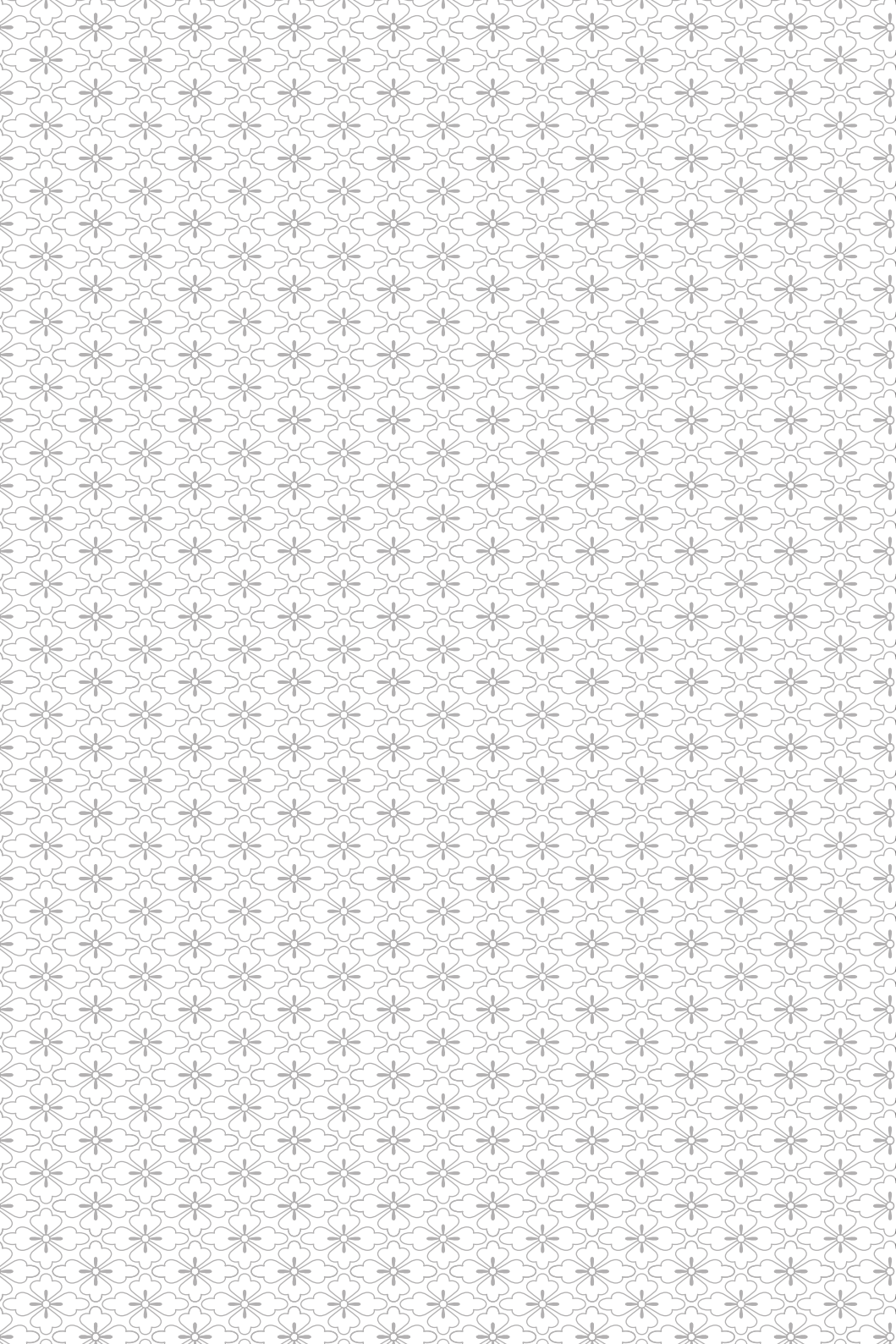
Jamais lograremos imaginar ou perceber relacionamentos transcendentais com a Suprema Personalidade de Deus por meio de nossos sentidos materiais e conhecimento imperfeitos. No entanto, o próprio Supremo Senhor Shri Krishna transmite o conhecimento transcendental, através de uma sucessão ininterrupta de mestres espirituais e discípulos. Krishna, pessoalmente, transmitiu este conhecimento transcendental a Brahma (o criador do universo material). Brahma, por sua vez, deu-o a Narada, Narada a Vyasa e Vyasa a Shukadeva. Este sistema de sucessão discipular brinda-nos, portanto, com um corpo de conhecimento transcendental oriundo da fonte perfeita. Devemos depositar nossa confiança nesta sucessão discipular e segui-la da melhor maneira possível.

Qual é a natureza transcendental de Deus? Que podemos saber a respeito de Sua onipotência e misericórdia? Que relacionamento temos com Ele e como podemos assimilar este relacionamento para servi-LO eternamente?

As respostas a estas perguntas, enriquecidas por explicações detalhadas, encontram-se no Shrimad-Bhagavatam, a grandiosa escritura que revela a essência de toda a literatura védica.

O Shrimad-Bhagavatam, obra magistral em doze cantos, apresenta suas instruções mais importantes no Décimo Canto. Este livro, cujo objetivo é explicar a essência do Décimo Canto, é atraente, muito agradável de ler e orientará o leitor na prática de *bhakti-yoga*.

OS EDITORES



CAPÍTULO PRIMEIRO

Ouvindo os passatempos de Krishna

Bhakti-yoga

PARA ENTENDERMOS O significado de *bhakti*, em primeiro lugar, devemos saber que a alma e a Superalma existem eternamente. Ao passo que Krishna, a Superalma, é singular e eterno, as almas individuais são inúmeras e também eternas. Duas almas puras (ou seja, a alma individual e a Alma Suprema, Krishna) só podem se encontrar por intermédio do amor e da afeição. Neste caso, amor e afeição chamam-se *bhakti-yoga*.

Muitas são as categorias de *prema*, ou amor e afeição transcendentais. As almas liberadas servem a Krishna eternamente no reino puro e transcendental de Vaikuntha, onde fica a morada suprema de Krishna, chamada Goloka Vrindavana. Lá elas O servem, embaladas pelos humores mais perfeitos de amor e afeição transcendentais.

Já as almas condicionadas estão presas à matéria e encobertas por *maya*, ou ilusão. São qualificadas apenas para servir a corpos feitos de matéria, e não de espírito. As almas condicionadas vivem infelizes por estarem sofrendo no ciclo de nascimentos e mortes. Como poderão alcançar a etapa

eterna e transcendental? Precisarão praticar *bhakti-yoga* desde a etapa inicial, a fé, e evoluir, progressiva e regularmente, pelas etapas de firmeza, gosto, apego e êxtase transcendentais. Este é o processo.

O advento do Senhor

SÓ A PRÁTICA de *bhakti-yoga* nos permite perceber a Suprema Personalidade de Deus. Nenhum outro método tem este poder.

O Senhor Supremo é tão misericordioso que às vezes desce a este mundo habitado pelas almas condicionadas para lhes outorgar Sua misericórdia. Por exemplo, as escrituras falam-nos das dez encarnações primárias: (1) a encarnação como peixe, Matsya; (2) a gigantesca tartaruga transcendental, Kurma; (3) a encarnação como javali, Varaha; (4) a aterrorizante forma como metade homem, metade leão, Nrishimhadeva; (5) a encarnação como anão, Vamana; (6) Parashurama, o guerreiro invencível; (7) o Senhor Ramachandra, o grande rei; (8) Baladeva, o qual é a forma plena de todos os mestres espirituais; (9) Buddha; e (10) Kalki, que, montado num cavalo branco, destrói os canalhas ao fim da Era de Ferro.

Krishna atrai a todos

A RAIZ E A causa original destas dez formas é a Suprema Personalidade de Deus, o próprio Shri Krishna. Krishna desce a este mundo, não apenas como estas diferentes encarnações, mas também sob Sua forma original.

Nesta forma original como Krishna, Ele atrai a todos, tanto os seres humanos como os animais, os pássaros, as

trepadeiras e as árvores. Krishna conquista todas as criaturas porque atrai a alma, que está presente nos semideuses e nos porcos, nos peixes e nos ovos, nas árvores e trepadeiras e mesmo em partículas de água e poeira. A alma está presente em toda parte. Se você praticar *bhakti-yoga*, poderá visualizar e vivenciar este fato e, aos poucos, desenvolverá *bhakti*, devoção a Krishna.

De um modo geral, só ouvir conclusões filosóficas não agrada às pessoas. Por este motivo, narro os passatempos de Krishna para explicar as categorias de prema, amor divino e puro. *Bhakti-yoga* resultará, assim, mais atrativa se apresentada como no Décimo Canto do Shrimad-Bhagavatam, onde se conta como Krishna desce a este mundo, como protege os *sadhus* e mata os demônios e como realiza Seus passatempos sumamente atraentes.

As bênçãos de se ouvir os passatempos de Krishna

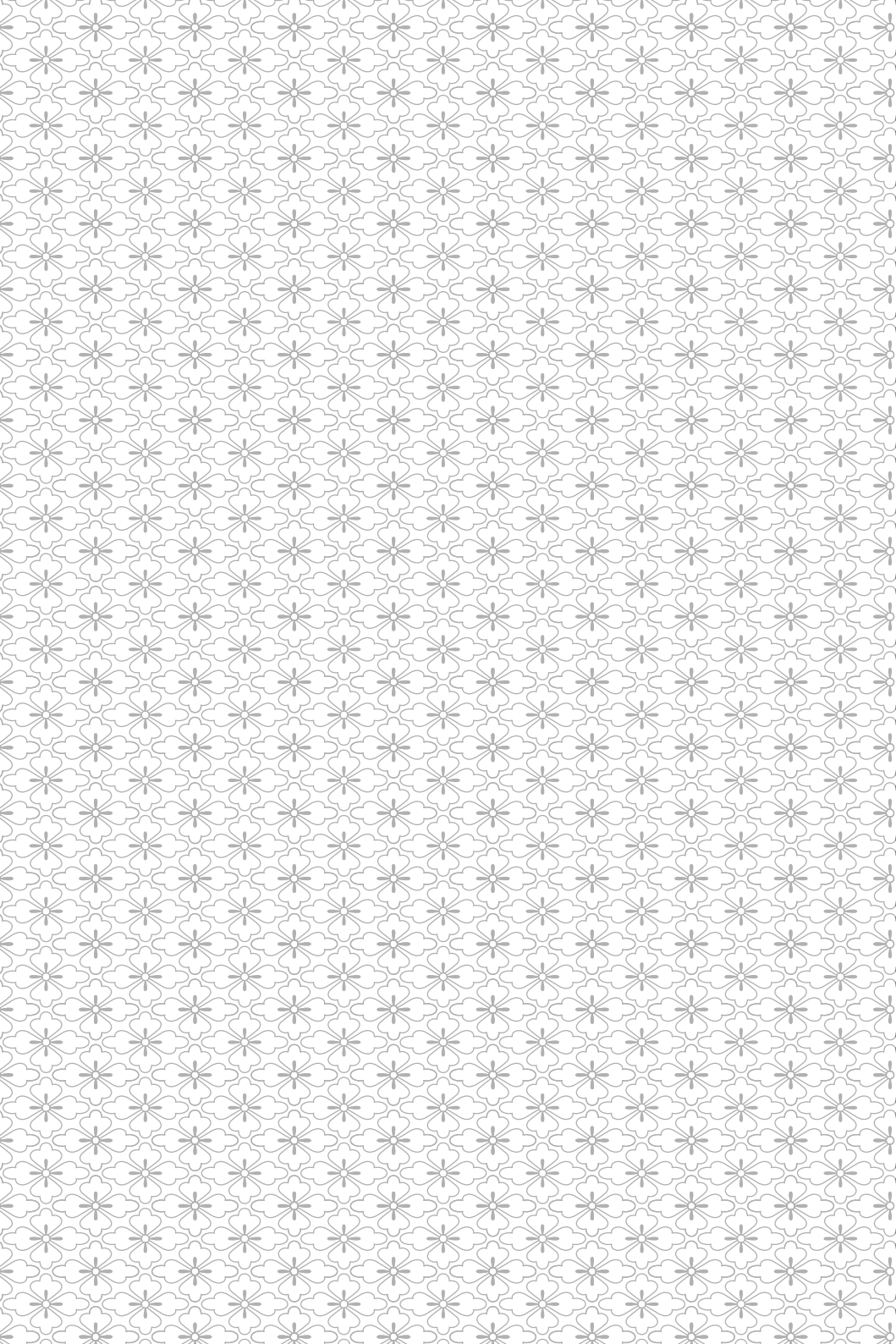
O NOME DE KRISHNA e os passatempos de Krishna não fazem parte deste mundo mortal, não são coisas mundanas, são manifestações transcendentais. Ouvir os passatempos de Krishna não é uma atividade comum, também é transcendental. Há uma enorme diferença entre o mundo mortal e o mundo transcendental. Quando glorificamos as qualidades e os passatempos de Krishna ou cantamos Seus santos nomes, a resultante vibração sonora transcendental é sobremaneira auspiciosa.

Mesmo no caso de alguém com o coração assolado por pensamentos e desejos materiais impróprios e pela ignorância – se tiver um pouco de fé – um pouquinho só –, a vibração transcendental penetrará seu coração pelo ouvido.

As palavras narrando os passatempos de Krishna não são palavras no sentido comum – Ele próprio Se manifesta nesta vibração sonora transcendental. Como? Seu mundo transcendental entra no coração de qualquer pessoa que tenha uma fração mínima de fé (*shraddha*).

Aquele que, ouvindo os passatempos de Krishna, se dá conta disto, fica com o coração limpo e puro e sua fé (*shraddha*) condensa-se ainda mais. A devoção transcendental (*bhakti*) atinge o seu coração e faz dele um devoto. O devoto então recebe iniciação de Gurudeva e ocupa-se em serviço devocional. Todos os conceitos e desejos materiais impróprios abandonam seu coração e seus maus hábitos se esvaem. Assim, ele desenvolve sua consciência de Krishna, após o que atinge as etapas de prática firme e estável (*nistha*), gosto (*ruchi*) e apego transcendental (*asakti*).

Depois disso, sua devoção evolui até chegar à etapa de êxtase transcendental e, por fim, pleno e transcendental amor por Krishna, ou *prema*. Em algum momento, abandona corpo, mente, falso ego etc. materiais e se situa como alma espiritual pura. Em seu corpo transcendental, o devoto convive com Krishna, como morador eterno de Vraja, e torna-se feliz para sempre.



CAPÍTULO SEGUNDO

Os passatempos infantis de Krishna

O segredo dos passatempos de Krishna em Vraja

A LITERATURA VÉDICA – inclusive os nove primeiros cantos do Shrimad-Bhagavatam – descreve passatempos do Senhor Supremo que nem os seres humanos nem os semideuses seriam capazes de vivenciar. Estes passatempos deixam claro que Ele é a Suprema e Absoluta Personalidade de Deus.

O Décimo Canto do Shrimad-Bhagavatam revela passatempos confidenciais só vivenciados em Vraja, ou Vrindavana, onde Krishna, o Senhor Supremo, aparece como um ser humano comum. Em Vraja, Seus devotos não pensam que Ele é o Senhor Supremo. Ao contrário, encaram-no como alguém sumamente atraente, servindo-O em humores íntimos de amor e afeição que lhes seriam impossíveis se O tivessem como Deus.

Nos passatempos de Vraja, parece que Krishna nasceu, realizou passatempos como se fosse um bebê desamparado, em seguida tornou-Se menino e depois adolescente. Contudo, ao contrário do que nos ocorre, Krishna não está sujeito às mudanças impostas pela natureza material; apenas

age como se isto acontecesse para deleitar Seus afetuosos devotos. Ele sempre é a mesma Suprema Personalidade de Deus: imutável, onisciente, onipotente e transcendental. Para oportunizar estes passatempos, Sua potência de passatempo encobre-Lhe o conhecimento de maneira que até Ele Se esqueça de que é Deus. Deste modo, Krishna pode absorver-Se plenamente em íntimas trocas amorosas com Seus devotos.

Uma só Verdade Absoluta que aparece como dois

KRISHNA E BALADEVA são a Suprema Personalidade de Deus. Talvez alguém pergunte como é possível duas Personalidades serem a Suprema Personalidade de Deus. Devemos entender que, apesar de manifestarem dois corpos, Baladeva de fato não é diferente de Krishna. Ambos são um só. Krishna aparece no corpo de Baladeva, a encarnação cujo propósito é ensinar-nos como servir a Krishna.

Baladeva Prabhu, o somatório do princípio eterno relativo ao *guru*, transmite todas as verdades e princípios eternos. Sendo assim, Ele nos ensina a servir Radha e Krishna, ou seja, Krishna acompanhado de Sua eterna potência de prazer.

Krishna, a Verdade Absoluta, também cresce

KRISHNA E BALADEVA agora apareceram em Vraja como menininhos de um ou dois anos de idade. Nós, almas condicionadas, começamos nossas vidas como bebês e depois crescemos, virando crianças, jovens e adultos. Da fase adulta, passamos à velhice. Krishna, porém, não passa por

tais fases. Em Seus passatempos eternos e imanifestos, Ele é sempre um adolescente belíssimo: nunca fica mais velho ou mais novo. Contudo, ao revelar Seus passatempos no mundo material, Ele manifesta todas estas etapas de crescimento a fim de aumentar o amor e afeição dos devotos.

Embora sejam a Suprema Personalidade de Deus, em Vraja, Krishna e Baladeva nascem nus e engatinham para lá e para cá com as mãos e os joelhos, como qualquer bebê. A mãe de Krishna chama-se Yashoda e a mãe de Baladeva, Rohini.

Às vezes, Krishna ou Baladeva viam uma cobra e a pegavam. Presenciando aquilo, Yashoda e Rohini morriam de medo! Os dois meninos também gostavam de colocar as mãos nas bocas de cães selvagens, que de ferozes ficavam calmos.

Os dois aprenderam uma brincadeira divertida: agarravam-Se bem firmes ao rabo de um cão ou um bezerro para saírem arrastados com amor pelos bichos. Outras vezes, Krishna e Baladeva seguravam os chifres de touros enormes e ferozes para brincar de lutar com eles. Assim, os animais se esbaldavam com Krishna e Baladeva!

Yashoda lembra-se de Krishna

QUANDO AINDA ERAM bebezinhos, às vezes Krishna e Baladeva engatinhavam até o portão que dava para a rua. Se avistavam alguém, oh! ficavam com medo! Lembrando-Se de Suas mães, viravam-Se e corriam para o colo delas. E que faziam Yashoda e Rohini então? Pondo-Os no colo, cobriam-nOs com seus véus e Lhes acariciavam os cabelos. Em seguida, com os olhos rasos d'água e os corações derretidos, davam de mamar a Krishna e Baladeva.

Volta e meia, vinha uma *gopi* ao pátio da casa de Yashoda Maiya. E o que ela via? Yashoda Maiya batendo iogurte, entre outras tarefas, todas só para preparar algo para Krishna. Ela não tinha outra ocupação. Vivía atarefada servindo a Krishna. À medida que realizava algum serviço, lembrava-se sempre dEle, cantando: *Govinda Damodara Madhaveti, Govinda Damodara Madhaveti!*

Como Krishna engatinhava pela casa e no pátio, Sua mãe mantinha tudo bem limpo para protegê-lo. Ao fazê-lo, cantava assim: *Govinda Damodara Madhaveti, Govinda Damodara Madhaveti!* Às vezes, ocupada em moer algo no pilão, cantava: *Govinda Damodara Madhaveti, Govinda Damodara Madhaveti!*

Ora ocupava seus servos em diversas tarefas, ora dava sementes de romã aos papagaios e lhes dizia: “Cantem como eu. Cantem esta canção: *Govinda Damodara Madhaveti, Govinda Damodara Madhaveti!*”

Yashoda Maiya não era a única a se lembrar de Krishna durante suas tarefas domésticas. Também as *gopis* de Vraja sempre se lembravam de Krishna em seus lares, enquanto realizavam suas atividades diárias na expectativa de Krishna aparecer para roubar um pouco de sua manteiga. Pensavam: “Na certa Ele virá, e aí, de alguma forma, farei um truque para pegá-lo.”

Às vezes, lá pelas sete da manhã, elas paravam os seus afazeres e reuniam-se na casa de Yashoda. Para que? Para ver Krishna! Krishna era tão belo que elas sentiam mais amor e afeição por Ele do que por seus próprios filhos. Elas ansiavam tanto por Krishna: “Oh! Queremos Krishna como nosso filho para podermos Lhe dar de mamar e servi-lo com todo amor e afeição.”

TODAS AS *GOPIS* sentiam isso e as vacas também! Por vezes, as vacas aproximavam-se da aldeia pastoril de Nandagrama e ficavam esperando. Krishna e Baladeva vinham, deitavam-Se no chão embaixo delas, cujos úberes espontaneamente vertiam leite em Suas bocas. As vacas pensavam: “Ah! Se Krishna fosse meu filhote! Então eu poderia dar-Lhe meu leite e mostrar-Lhe amor e afeição.” Este humor prevalecia em todos os cantos de Vraja.

Krishna e Baladeva cresceram. Agora com cerca de um ano e meio, já ficavam de pé, davam passinhos e de vez em quando caíam. As *gopis* que vinham vê-los dividiam-se em dois grupos: um tomava o partido de Baladeva e o outro, o de Krishna.

As *gopis* do lado de Krishna anunciavam: “Krishna é tão forte que é capaz de derrotar Baladeva.” Então, o grupo de Baladeva Prabhu discordava: “Não, não, Baladeva é mais forte que Krishna.” As *gopis* do lado de Krishna diziam: “Se Krishna derrotar Baladeva, vai ganhar um *laddu*.” E as *gopis* torcendo por Baladeva Prabhu diziam: “Se Baladeva ganhar esta luta, nós Lhe daremos um *laddu*.”

Como os irmãos Krishna e Baladeva podiam entender o que se passava, as *gopis* inspiravam os dois a lutar um com o outro. Krishna e Baladeva, nus e parados de frente um para o outro, começavam a golpear Suas coxas e peitos como fazem os lutadores adultos. Em seguida, Eles se atracavam, um tentando derrubar o outro, mas sem sucesso. Às vezes, Baladeva parecia quase derrotar Krishna, mas, logo após, Krishna Se virava a tempo de vencê-lo. E depois Baladeva O derrotava. Como a luta se estendia, um vencendo,

outro perdendo, e vice-versa, todas as *gopis* divertiam-se, cantando e batendo palmas.

Queixas de amor

AGORA KRISHNA ESTAVA mais velho e maiorzinho. Frequentemente usava uma corrente de ouro em volta da cintura. Ouvindo o tilintar que a corrente fazia ao balançar, Krishna sempre se perguntava: “De onde vem esse som?” Procurava a fonte do som aqui e ali, sem notar que vinha dEle mesmo.

As *gopis* não deixavam de visitar Krishna, porém, vinham agora queixar-se dEle com Yashoda Mãe: “De vez em quando, Krishna vem a nossos lares e rouba nossa manteiga, muito embora a escondamos em lugares diversos. Krishna está sempre acompanhado de muitos amigos – Sudama, Sridama, Subala, Madhumangala –, que parecem uns macaquinhos travessos.” Os bebês amiguinhos de Krishna andavam todos nus como os quatro Kumaras e passavam o tempo todo com Krishna.

Quando as *gopis* visitavam mãe Yashoda para queixar-se sobre Krishna, não estavam nada zangadas; pelo contrário, sentiam pena dela. Pensavam: “Yashoda não tem a mesma sorte que nós. Krishna vem a nossos lares, brinca de um lado para outro, rouba coisas como bem entende, mas não faz isso em Sua própria casa: não brinca com a mesma doçura lá. Assim, Yashoda não tem a mesma sorte porque não presencia todos esses doces passatempos. Quão afortunadas somos!” Pareciam queixar-se com Yashoda, mas na verdade só fingiam. Agindo desse modo, dedicavam-se a Krishna-katha e faziam saber a Yashoda quão doce era seu filho.

De quando em quando, Ele trama uma peraltice, dizendo a um de Seus amigos: “Vá até sua mãe enquanto nós

nos escondemos debaixo de uma árvore ou em algum outro bom esconderijo perto de sua casa. Diga a ela: ‘Mãe! Venha cá rápido! Alguém soltou o bezerro, e por isso ele vai acabar bebendo todo o leite de sua mãe!’

Quando o menino diz isso à mãe, essa *gopi* sai correndo atrás do bezerro. Enquanto isso, Krishna e Seus amigos entram na casa para roubar manteiga e qualquer outra coisa que queiram.

Vez por outra, uma *gopi* escondia-se em sua própria casa, pensando: “Krishna deve vir aqui hoje, e dessa vez vou pegá-lo.” Dito e feito: Krishna sorrateiramente entrava na casa, colocando a mão dentro do pote de manteiga. De repente, a *gopi* saía do esconderijo para repreender Krishna: “Ah! Você está roubando coisas em minha casa?” Krishna respondia: “Oh! Mãe! Vim aqui porque achei que era Minha casa e você, Minha mãe. Jamais passou pela Minha cabeça que você não é Minha mãe e não pensei que você seria capaz de Me agarrar e bater em Mim.” Dizendo isto, começava a sorrir, fazendo o coração da *gopi* derreter. Embora ela tivesse agarrado Krishna pelo pulso, Ele, de alguma forma, se desvencilhava dela, fugindo.

O bezerro fugido

CERTO DIA, UMA *gopi* disse a mãe Yashoda: “Hoje, peguei seu filho Krishna com a mão na massa: Ele enfiou a mão direita num pote de manteiga. Aí Lhe perguntei: ‘Por que está aqui? Veio roubar nossa manteiga? Só falta Seu bezerrinho ter pulado dentro do pote!’ ‘Sim, mãe’, respondeu o seu filho com olhar inocente. Quando Krishna tirou a mão do pote de manteiga, segurava um bezerrinho de brinquedo! Em seguida, Ele e Seus amigos caíram na gargalhada e fugiram depressa.”

Krishna é a Suprema Personalidade de Deus e sempre quer satisfazer Seus devotos. As demais encarnações de Krishna não são assim. Todos podem querer adorá-IO, mas o próprio Krishna quer adorar Seus devotos puros. Quer servi-los e satisfazer seus desejos. Em Vraja, os devotos puros de Krishna pensam: “Quero mesmo é que Krishna venha a minha casa e roube manteiga”. É por isso que Krishna vai a seus lares. Se não, Krishna jamais iria a casa alguma.

Krishna só aceita o amor e a afeição

KRISHNA SÓ ACEITA uma oferenda feita com amor e afeição. Um incidente comprovando isto em definitivo ocorreu quando Ele esteve em Hastinapura, muitos anos mais tarde.

Certo dia, Krishna veio visitar Arjuna e seus quatro irmãos, todos Seus amigos e devotos tão queridos. Duryodhana, também morador de Hastinapura mas inimigo declarado de Arjuna e seus irmãos (acabariam lutando entre si na Batalha de Kuruksetra), resolveu convidar Krishna para um banquete. De tão abastado que era, Duryodhana servia alimentos deliciosos, tais como *laddu*, *pera*, *kichodi* e *makhan*, e água em pratos e copos de ouro. Assim, pediu a Krishna: “Por favor, venha fazer Sua refeição comigo.” Krishna objetou: “Não consigo comer nada – estou sem apetite. Posso comer qualquer coisa feita com amor e afeição, mas, como você não tem amor e afeição por Mim, jamais conseguirei comer com você! Além disso, estive em Hastinapura para fazer-lhe uma proposta e você não a acatou. Como poderia fazer Minha refeição com você? Não sou mendicante, muito menos tenho fome.”

Pouco depois de falar com Duryodhana, Krishna foi à casa de Vidura. Vidura era devoto de Krishna e muito afetuoso com Arjuna e seus irmãos. De fato, em diversas ocasiões Vidura os salvara de grandes perigos, motivo pelo qual Krishna gostava tanto dele.

Quando Krishna chegou à casa de Vidura, este não estava. Desta forma, Krishna rogou à sua esposa Vidurani: “Ó Vidurani Maiya, estou faminto! Por favor, dê-Me algo para comer.” Vidurani tinha muita afeição por Krishna e ansiava por servi-IO. Quis oferecer-Lhe bananas, todavia, tomada pela emoção, dava-Lhe as cascas e jogava a fruta fora. Krishna aceitou as cascas, saboreando-as jubilosa e afetosamente. Para Ele, aquelas cascas de banana tinham sabor mais doce que todas as preparações feitas por Rukmini e Satyabhama, Suas rainhas principais em Dvaraka!

Enquanto Krishna estava inteiramente absorto aceitando as cascas de banana de Vidurani, Vidura chegou. Impressionado com a cena, exclamou: “Vidurani! Que você está fazendo?” Krishna tentou alertá-lo: “Não fale com ela agora. Está ausente de seus sentidos externos, plenamente absorta em amor e afeição transcendentais.” Vidurani, contudo, voltou à consciência externa ao ouvir o esposo falar, e deu-se conta do que acontecia. Passou, então, a dar a fruta das bananas a Krishna e jogar fora as cascas. Krishna ficou um tanto decepcionado. “Ah! esta fruta não está tão saborosa quanto as cascas.”

Segundo este passatempo nos dá a entender, Krishna nunca fica faminto. Ele não quer saborear a banana, o *rabadi*, o leite ou qualquer outro alimento. Quer apenas extrair a essência de todos os frutos. Que essência é esta? Simplesmente amor e afeição, o humor de *bhakti* contido na oferenda.

Krishna jamais aceitará algo de alguém que não tenha amor e afeição por Ele. Por outro lado, tomará à força o que quiser de um devoto que seja afetuoso com Ele, ainda mais se este devoto não Lhe der o suficiente!

Quando apareceu sob a forma de Seu próprio devoto como Shri Caitanya Mahaprabhu, Krishna costumava brigar com Seu querido devoto Sridhara, tomando-lhe as coisas que ele vendia no mercado. Sridhara protestava: “Não! Você não vai levar minhas mercadorias sem pagar por elas! Sou muito pobre, por isso arrume outra pessoa que possa Lhe dar coisas de graça.” Mas Mahaprabhu, mesmo assim, tomava dele as flores de banana e outras coisas – esta é a natureza de Krishna.

Krishna não é um mendicante. Ele é dotado de toda a opulência, mas mesmo assim aparece em Vraja para servir a todos os Seus companheiros e divertir-Se com eles.

Krishna Se decepçiona

AGORA KRISHNA CRESCERA um pouco mais. Certo dia, Yashoda Lhe disse: “Hoje é o Seu aniversário. Traga uma bezerrinha aqui para adorá-la.”

Krishna ficou muito feliz. Saindo à procura da bezerrinha mais bonita, escolheu uma bem branquinha, como um cisne. A bezerra, que era bastante saudável, ágil e forte, pulava de um lado para outro. Krishna queria laçá-la, mas sem sucesso, pois ela pulava sem parar.

Após muito esforço, pegou-a e procurou conduzi-la ao pátio de Sua casa. Apesar de tentar amarrar suas quatro patas, esta não O deixava fazê-lo, e por isso começaram a brigar. De alguma forma, Krishna acabou trazendo-a ao

pátio. Ainda ocupado nessa tarefa, de repente Krishna percebeu um pote pendurado em uma corda. Num instante entendeu que o pote estava cheio de doce manteiga.

Movido pela intensa cobiça pela manteiga, Krishna Se esqueceu da tarefa de levar a bezerra para casa. Porém, que faria para alcançar a manteiga? Estava pendurada no alto do teto e não havia escadas por perto, nem nada em que pudesse subir. Quando estava na companhia de Seus amigos, podia subir em suas costas, um por um, até tocar na manteiga. No entanto, nenhum de Seus amigos estava por perto, muito menos Seu cajado. O que fazer?

Após examinar a situação com cuidado, Krishna pensou: “Se Eu ficar de pé sobre o lombo desta bezerrinha, será fácil alcançar a manteiga.” Deu um jeito de montar no lombo da bezerra e, agora de pé, tinha como colocar Sua mão dentro do pote. Bem naquele momento, porém, a bezerra deu um salto e fugiu! Como pusera todo o braço dentro do pote, o pequeno Krishna ficou pendurado ao mesmo após a fuga da bezerra. Então, exclamou de medo: “Mãe! Mãe! Mãe!”, chorando de dar dó.

Mãe Yashoda batia o iogurte quando ouviu Krishna chorando, exclamando o nome dela. Sorrindo, correu para acudi-IO, mas, ao vê-IO pendurado bem acima do solo, entendeu o que acontecera.

“Fique aí mesmo!” disse-Lhe. “Nem quero tocar em Você. Como castigo por Sua travessura, não vou ajudá-IO!”

Krishna passou a chorar ainda mais alto: “Mãe! Mãe! Mãe! Mãe!”, clamava. Yashoda por fim ajudou-O a descer.

Krishna era por demais levado em Sua meninice, e por isso conquistava tanto amor e afeição de todas as *gopis*, em especial de Sua mãe.

Pego com a mão na massa

CERTO DIA, UMA *gopi* amiga de Yashoda contou-lhe uma história sobre as traquinagens de Krishna. “Hoje de manhã cedinho, Krishna veio à minha casa roubar manteiga. Lá chegando, notou que tudo estava bem arrumado, sem manteiga à vista para Ele roubar. Meu filhinho estava dormindo, mas Krishna o beliscou tanto que ele acordou, caindo no choro. Se não deixamos manteiga à vista para ser roubada, Ele faz essas coisas terríveis. Porém, se acha manteiga e não gosta dela, sai quebrando todos os potes.”

Ao ouvir aquela história, Yashoda pensou: “Acho que Krishna está muito levado, roubando manteiga das casas alheias. Preciso dar-Lhe uma boa lição.”

Enquanto isso, sua amiga *gopi* pensou: “Yashoda não parece acreditar em nós quando lhe contamos as traquinagens de Krishna. Vou ficar à espera de Krishna em minha casa – assim que Ele aparecer, vou pegá-LO com a mão na massa e trazê-LO à presença de Yashoda. Só assim ela entenderá quão travesso Ele é.”

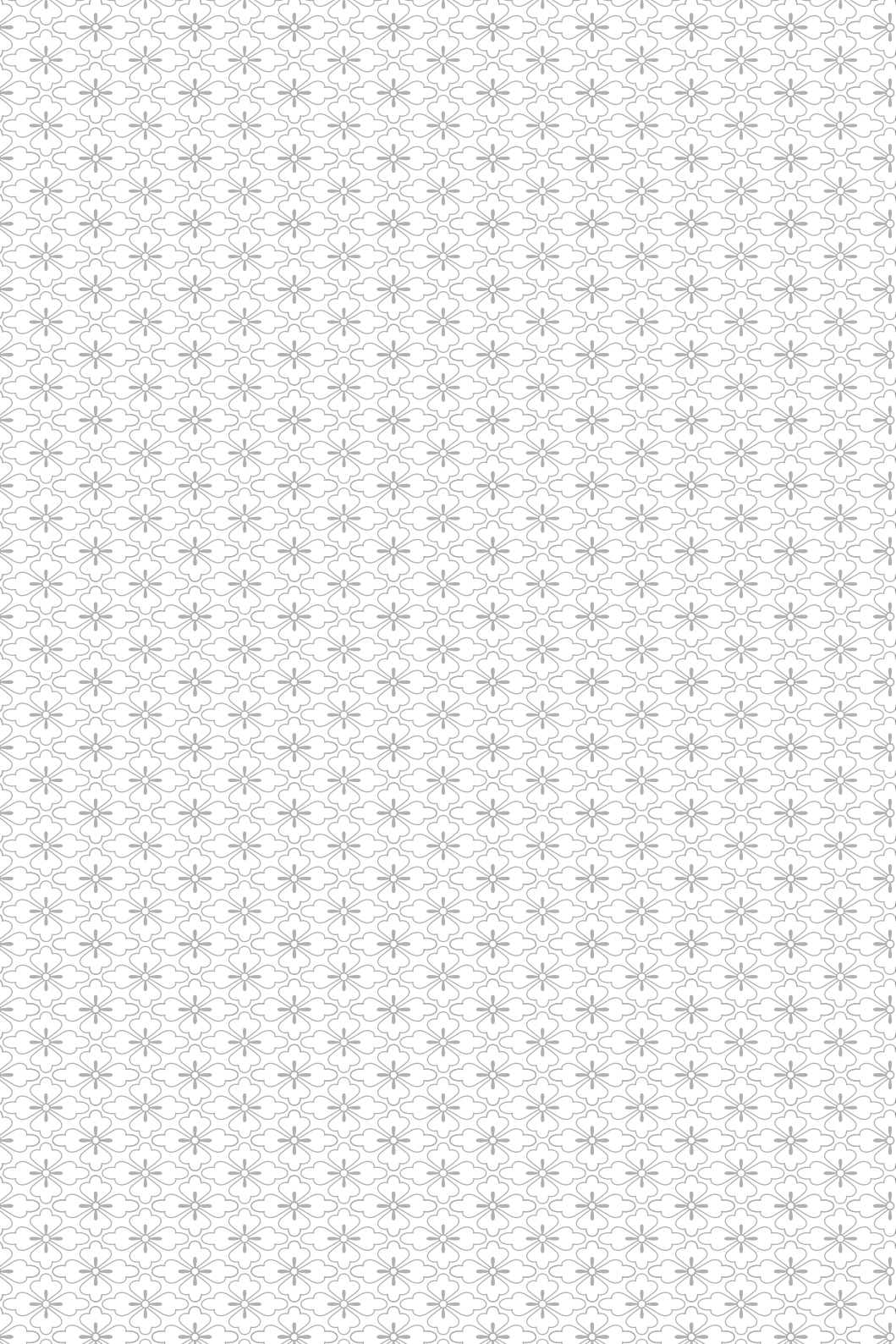
De manhã cedinho, ainda bem escuro, Krishna foi sozinho à casa daquela *gopi*. Roubava manteiga de um canto e de outro e pensava: “Ninguém pode Me pegar.” Contudo, a *gopi* estava escondida, esperando para pegá-LO com a mão na massa. Quando Krishna apareceu para comer de sua manteiga, ela O espiava de seu esconderijo. De um salto, lançou-se sobre Ele, agarrando-O. “Ah! vou levá-LO para mãe Yashoda!” exclamou eufórica. “Agora ela terá que acreditar em nós quando lhe dissermos que seu filho é um grande ladrão.”

A *gopi* cobriu Krishna com um xale para levá-LO, como prisioneiro, até onde estava Yashoda Maiya. Ao chegar à casa,

exclamou: “Ó Yashoda! Ó Yashoda! Venha ver! Peguei seu filho com a mão na massa! Ele virou um ladrão! Você nunca acreditou nisso, mas hoje terá que acreditar em mim.”

Yashoda saiu ao encontro de sua amiga e, a caminho, viu que Krishna dormia em Sua cama. Confusa, perguntou-se: “Onde está meu filho?” Em resposta, a *gopi* tirou o xale que usara para envolver Krishna quando O agarrou. “Oh!” Ambas ficaram atônitas: em vez de Krishna, o próprio filho da *gopi* estava envolvido no xale!

Krishna saiu de Seu quarto e caiu no choro. “Ó Mãe! Ó Mãe! Veja só! Elas andam falando mentiras sobre Mim. Jamais estive nessa casa. Todas elas são mentirosas! Agora sou forçado a ir à casa delas para roubar um pouco de manteiga!”



CAPÍTULO TERCEIRO

Atado pelo amor

A beleza de Yashoda Maiya

ENQUANTO FAZIA SUAS tarefas domésticas, Yashoda pensava em como satisfazer o desejo de Krishna de comer manteiga. “Todas as outras *gopis* preparam manteiga com suas próprias mãos para dar a Krishna com amor e afeição”, refletiu ela. “Essa manteiga é tão doce. Até agora, eu mesma ainda não fiz manteiga, meus servos e servas a fazem para mim. De hoje em diante, hei de ordenhar as vacas com minhas próprias mãos, ferver o leite e depois pessoalmente fazer um iogurte bem docinho. Baterei eu mesma o iogurte para a manteiga sair bem doce; assim, Krishna a comerá com imenso deleite e felicidade.”

Tendo tomado esta decisão, no dia de Diwali, Yashoda enviou todos os seus servos e servas à casa de Upananda, o irmão mais velho de Nanda Baba. Ela também dispensou Rohini Maiya junto com Baladeva, porque faltavam pessoas para fazer as preparações de Diwali no palácio de Rohini.

Yashoda, agora só, batia iogurte ao amanhecer, quando o sol avermelhado surge na paz e sossego da aurora. Yashoda era tão bela! Se não o fosse, como poderia Krishna ser tão belo? O filho não pode ser bonito se a mãe não é.

Como descrever a beleza de Yashoda? Seus seios eram tão cheios, aparentando que sua fina cintura se quebraria quando se curvasse. Trajava belas roupas de seda. Naquela época, na Índia, a arte de fazer seda era muito desenvolvida. Um corte de tecido padrão (*sari*) para uma moça media cerca de cinco metros, e os tecelões eram tão hábeis que era possível passar todo o *sari* pelo orifício do tamanho de uma unha. Yashoda vestira um tecido de seda especialmente refinado para ir ao festival de Diwali – sua beleza feminina cintilava por entre suas vestes.

Mãe Yashoda preparou-se para a batedura. Colocou a panela de iogurte perto de uma pilastra, apoiando a vara de bater na panela com a ajuda de cordas finas. Em seguida, começou a puxar as extremidades da corda que envolvia a vara de bater. Ela era linda, hábil e inteligente. Por isso Krishna era tão atraente: se milhares de pessoas O observavam em Suas atividades, capturava a atenção de todos por completo. É natural meninos terem essa qualidade.

*Govinda Damodara Madhaveti,
Govinda Damodara Madhaveti,
Govinda Damodara Madhaveti,
Govinda Damodara Madhaveti!*

Yashoda absorvia-se em cantar e pensar em Krishna. Seu coração derretia, seus olhos cerravam-se e lágrimas de amor escorriam por sua face.

O cantar de Yashoda

QUANDO OS VAISHNAVAS cantam em glorificação a Shri Krishna, fazem-se acompanhar por um tambor especial chamado *mridanga*. A extremidade maior da *mridanga* ressoa

profundamente: “*tan! tan!*”, ao passo que a extremidade menor faz um som agudo: “*dik! dik!*” Os cantores também tocam pequenos címbalos chamados *karatalas*, que tilintam doce e ritmicamente.

Mãe Yashoda cantava enquanto batia o iogurte, e o movimento rítmico da vara de bater na funda panela de iogurte fazia um som parecido com o do tambor: “*dik, dik, tan! dik, dik, tan!*” Ao mesmo tempo, a corrente de ouro em seu pescoço e os sinos em seus pulsos tilintavam no ritmo, como se fossem címbalos bem doces. Yashoda cantava no ritmo do acompanhamento de “*dik tan! dik tan!*” O som ‘*dik tan*’ da batedura cantava: “*Pobres daqueles que não adoram Krishna e não se lembram de Krishna! Pobres deles! Pobres deles! Dik-tan! Dik-tan!*”

Krishna vai atrás de Yashoda

ENQUANTO MÃE YASHODA prosseguia totalmente absorta em sua tarefa, Krishna despertou na cama onde dormira com ela. Com os olhos ainda fechados, procurou a mãe com as mãos, choramingando: “Ma! Ma! Ma!” Dando pela falta da mãe, chorou um pouco mais alto e esfregou os olhos de sono com Seus pequenos pulsos. A princípio, era um choro sem lágrimas – só o Seu rosto ficou untado pelo *kajal* preto que Sua mãe aplicara em Seus olhos, largos como as pétalas da flor de lótus.

Ao não conseguir encontrar Sua mãe, Krishna caiu no choro: “Acabo de acordar e tenho tanta fome, mas mamãe saiu e Me deixou.” Chorava como os bebês choram quando querem suas mães por perto. Após algum tempo, ouvindo o som da batedura, Ele entendeu que Sua mãe não podia

ouvi-IO. “Oh! lá está ela batendo o iogurte, ‘dik-tan!’ ‘dik-tan!’ e cantando: *Govinda Damodara Madhaveti*. É por isso que não consegue Me ouvir.”

Krishna chorou ainda mais alto, mas nem assim Sua mãe veio acudi-IO. Quis então descer da cama, mas ela era muito alta – como poderia ir até o chão? Como o Senhor Supremo, Ele é ilimitado e o universo inteiro está dentro de Seu corpo, mas agora, fazendo o papel de uma criancinha, Ele mal podia descer da cama!

Krishna virou-Se de frente, pôs os pés para o lado da cama e começou a deslizar para baixo, devagar e com cuidado. Lentamente, deslizou da cama até Seus pés tocarem o chão e em seguida andou na direção de Sua mãe.

Caminhava sem muita firmeza, cambaleando primeiro para um lado, depois para o outro, pois ainda estava sonolento. Chorando, as lágrimas escorriam por Suas bochechas. Suas lágrimas eram brancas como o rio Ganges e as marcas de kajal em Seus olhos, negras como o rio Yamuna. Krishna era negro e o *kajal* escuro O tornava ainda mais negro. Chorava bem forte agora, e cada vez mais alto, mas Yashoda, de tão absorta que estava e devido ao alto som de seu cantar e da batedura, ainda não conseguia ouvi-IO.

Por fim, o bebê Krishna chegou bem perto de Yashoda. Segurou a vara de bater com a mão esquerda e a ponta do véu da mãe com a mão direita. Yashoda, ainda entretida, perguntou-se: “O que fez parar minha batedura?” Olhando para trás, viu o seu bebê Krishna.

“Oh! Krishna está aqui e chorando!”

Yashoda parou de bater o iogurte num instante e pôs Krishna no colo. Como Ele ainda chorava, ela enxugou Suas lágrimas com o véu e passou a aliviá-IO de Sua aflição. Apaziguou-O, acariciou-O e deu-Lhe o seio para mamar.

AGORA QUE KRISHNA parara de chorar, então a própria Yashoda caiu no choro. Seu pranto era sublime – suaves lágrimas de amor escorriam em suas faces. Ao mesmo tempo, o cabelo arrepiou-se em seu êxtase de amor transcendental. Os devotos avançados experimentam oito sintomas corporais de êxtase transcendental, e esses mesmos sintomas manifestaram-se em Yashoda. Uma profusão de lágrimas jorrava de seus olhos, seu corpo tremia e transpirava muito. Estava absorta por inteiro em seu êxtase de transcendental afeto materno por Krishna, e Este o saboreava plenamente.

Mesmo tendo sugado o seio de Yashoda por algum tempo, Krishna ainda não estava satisfeito por conta de Sua fome prolongada. Enquanto isso, Yashoda, voltando o olhar para a panela com leite que pusera para ferver, viu que o leite estava para derramar no fogo.

Na compreensão de Yashoda, o leite também era um devoto e pensava assim: “Quero servir a Krishna, mas Seu estômago é tão vasto que nele cabe o mundo todo. Além do mais, há suficiente leite nos seios de Yashoda para encher milhões e milhões de oceanos de leite. O apetite de Krishna é ilimitado, Seu estômago é ilimitado e Yashoda guarda em si infindáveis oceanos de leite. Se Krishna mamar o leite de Yashoda por milhões e milhões de anos, seu leite jamais secará. Jamais terei oportunidade de servir a Krishna nesta vida, logo, de que adianta eu mantê-la? É melhor morrer logo.” O leite estava derramando por isso: para cair no fogo.

Onde quer que você encontre *bhaktas* (devotos), o sintoma de sua *bhakti* é um intenso sentimento de saudade: “Meu corpo, minha mente e todos os meus sentidos, nada

disso está servindo a Krishna. Melhor eu morrer. Para que serve viver?”

Nós não pensamos deste jeito. Semelhante vontade não brota em nós. E por que não? Por não termos boa prática. Logo que este desejo intenso surgir em nossa prática, Krishna haverá de aparecer para nos conceder Seu serviço. Se não for Krishna, será um *bhakta* como Yashoda que aparecerá, dando-nos uma oportunidade ao ocupar-nos a serviço de Krishna.

Ao compreender que o leite se atiraria ao fogo em desespero, Yashoda disse-lhe: “Tudo bem, vou ocupá-lo a serviço de Krishna, e depois eu mesma servirei a Krishna.” O *bhakta* verdadeiro, um *guru* assim, oportuniza o serviço a Krishna para cada vez mais devotos. O serviço de Gurudeva é ocupar almas qualificadas, aquelas que têm afeição para tal, no serviço a Krishna.

Yashoda Maiya é como um *guru* de amor parental por Krishna. Para ajudar o leite, deixou Krishna de lado rapidamente e correu na direção do fogo. Esta é a inclinação, o humor do *guru*: ajudar os outros a servir a Krishna. Este é seu primeiro dever. É por este motivo que Yashoda Maiya soltou Krishna.

Yashoda derrota Krishna

PASSADOS APENAS SEIS dias do nascimento de Krishna, uma demônia chamada Putana veio a Vrindavana tentar matá-lo. Assumindo a forma de uma linda mulher, untou veneno ao seio e o ofereceu ao bebê Krishna. Este então começou a sugar-lhe a vida. Mesmo tendo a força de muitos milhares de elefantes, a demônia, que se esforçava para tirar Krishna de seu seio, não logrou escapar e morreu.

Agora Krishna estava bem mais crescido e mais forte. Ao notar que Yashoda queria soltá-lo, agarrou-Se a ela como um macaquinho à mãe. Envolveu braços e pernas bem firmes em volta do corpo da mãe e cravou a boca no seu seio. Com todos os sentidos firmados naquele intento, Ele decidiu: “Não saio do colo da mamãe por nada!”

Krishna, a Suprema Personalidade de Deus, é dotado do somatório de toda opulência. Está em Seu poder derrotar o mundo inteiro, o que inclui toda classe de demônios poderosos, tais como Keshi, Agha, Baka, Putana, Hiranyakashipu e Ravana. Mesmo assim, não conseguiu impedir Sua mãe de deixá-lo de lado! Yashoda Maiya derrotou-O sem a menor dificuldade. “Sente-Se aqui”, disse-Lhe ela. A despeito de todos os esforços de Krishna, rápida e facilmente ela ergueu-O de seu colo com uma só mão e soltou-O. Krishna ficou sem ação.

Esta é uma boa lição para todos. Krishna torna-Se o bebê daqueles cuja *bhakti* por Ele é forte e profunda. Pelo arranjo de Yogamaya, Sua potência de passatempo, o poder ilimitado de Krishna O abandona, deixando-O sem ação.

Quando Yashoda soltou Krishna, Este ainda queria mais leite do seu seio. Por isso, zangado, caiu em prantos: “Ela não satisfaz a Minha fome, mas Me deixou para salvar o leite!”

O servo do servo

ESTE PASSATEMPO DEIXA claro que quem serve a Krishna também cuida dos artigos com os quais Krishna é servido: os utensílios, as roupas, a flauta, a pena de pavão e tudo o mais. Yashoda Maiya dava mais atenção a essas coisas que a Krishna. Por quê? Esta é a natureza do *bhakta* neste mundo.

Apesar de não ser algo fácil de entender, alguns exemplos podem ser esclarecedores quanto a isso.

Às vezes, Yashoda dava palmadas em Krishna quando Ele enlameava ou empoeirava Suas roupas. “Oh! Como Você é levado!” dizia ela. “Mal acabo de lavar Suas roupas e Você já as sujou outra vez.”

Ora, quando o leite ia atirar-se ao fogo, Yashoda largou Krishna para salvá-lo, a despeito do choro de Krishna. Por quê? O que aquele leite tinha de tão especial? A única intenção do leite era satisfazer Krishna, porém, Yashoda tinha como prioridade justo o contrário: estava disposta a satisfazer o leite antes de satisfazer Krishna.

Por que largou Krishna e foi salvar o leite, apesar de Ele ter chorado quando ela assim o fez? Pelo mesmo motivo que às vezes ela Lhe dava palmadas por Ele sujar Suas roupas: o leite era para o serviço a Krishna, e as roupas também.

Esta é a natureza de *bhakti* pura (serviço devocional transcendental). Krishna sente mais afeição por quem serve a Seu *bhakta* (devoto) do que sente por quem O serve diretamente. Ele fica mais contente com o servo do devoto. É preciso que entendamos este conceito – trata-se de algo essencial.

Por exemplo: como Shrimati Radhika é a devota mais querida de Krishna, Ele fica mais satisfeito com quem A esteja servindo do que com aquele que O serve diretamente. E, se alguém estiver servindo a Rupa Manjari, que é serva de Shrimati Radhika, Krishna dirá: “Você serve a Rupa Manjari? Ah! Hei de lher dar tudo. O que você quer?”

Esta é a natureza de *bhakti*.

Enfraquecido pelo amor

YASHODA CORREU PARA salvar o leite, que era especialmente para Krishna. Ela precisava daquele leite, assim como

do leite de seu seio. “Só o leite do meu seio não é suficiente para Krishna”, pensava. “Não posso fazer um doce iogurte com o meu leite, nem fazer manteiga!” Já que ela não tinha como fazer iogurte e manteiga com o leite de seu seio, era essencial salvar o leite que fervia no fogo. Por isso, ela agiu daquela forma.

Mas Krishna ficou chorando.

Ora, que devemos entender pelo fato de Krishna estar chorando? Ele está zangado ou não? Externamente, Krishna parecia estar zangado, porém, internamente, não podia estar mais feliz, apesar de estar chorando.

Krishna pensou: “Minha mãe saiu daqui antes de Me satisfazer, e por isso vou dar-lhe uma lição. Vou fazer uma travessura!”

Ele ergueu-Se, tentando derrubar um pote de iogurte que estava perto dEle, mas não tinha força suficiente para movê-lo. Embora Krishna tivesse anteriormente matado a bruxa Putana, em virtude do amor materno de Yashoda por Ele, agora agia como um menininho: de tão fraco que estava, não conseguia mover o pote, nem sequer sacudi-lo.

Onde predominam o amor e a afeição, Krishna é capaz de esquecer toda Sua opulência e tudo relacionado ao fato de ser a Suprema Personalidade de Deus. Foi por este motivo que, esquecendo toda Sua opulência naquela ocasião, tornou-Se ignorante e fraco.

Quebrando o pote de iogurte

“O QUE DEVO fazer?” pensou Krishna consigo mesmo. “Não consigo virar o pote, então vou tentar quebrá-lo. O alto do pote é muito grosso, mas a base é fina. Se atingi-lo na parte de baixo com uma vara, poderei quebrá-lo.” Assim, usando a vara, fez um buraco na base do pote. Com o es-

paço aberto no fundo do recipiente, a pressão interna provocou um belíssimo jato de iogurte branco, que, espirrando para fora do pote, derramou-se pelo chão da cozinha.

Ao ver o iogurte espalhado por toda parte, Krishna, encantado, pôs-se a bater palmas e gargalhar. Todavia, no instante seguinte, pensou: “Oh! Se mãe Yashoda Me achar, vou ser castigado.” De imediato, enchendo-se de medo, concluiu ser melhor deixar a cena do crime.

Krishna saiu na direção de outro quarto próximo, pensando: “Vou Me esconder para que Minha mãe não Me ache.” Pela influência de Yogamaya, Sua potência de pasatempo, Ele fazia o papel de um menino comum. Em consequência, não reparou que, após ter pisado nas poças de iogurte, deixara um rastro de pegadas, muito doces e belas, para Sua mãe seguir.

Krishna entrou no próximo quarto, vendo um pilão de moer acima do qual estava pendurado um pote de manteiga. Só de ver a manteiga, ficou com água na boca. Então subiu no alto do pilão, e de lá passou a pegar manteiga para dar de comer aos macacos e corvos que O rodeavam aos montes. Muito feliz, Krishna pensou: “Na Minha encarnação anterior como Ramachandra, os macacos acudiram, ajudando-Me tanto na época em que Eu vivia na floresta. Embora naquela ocasião tivessem trabalhado arduamente, dia e noite, para construir a ponte até Lanka, não pude alimentá-los ou satisfazê-los como mereciam. Agora vou dar-lhes esta manteiga. Estes corvos nasceram na dinastia de Meu tão querido servo Kakabhusandhi, de modo que vou alimentá-los também.

Nesse ínterim, enquanto Krishna, jubiloso, dava de comer aos corvos e macacos, mãe Yashoda voltara ao quarto onde

estivera com Ele no colo e viu o pote de iogurte quebrado. Seguiu a trilha das pegadas do ladrão de iogurte, aproximando-se do quarto onde Krishna dava de comer aos macacos. Era um quarto com duas portas – uma ligava aos cômodos internos da casa e a outra, ao pátio externo. Krishna entrara no quarto vindo da parte interna, permanecendo de costas para ela. Mãe Yashoda veio por esta porta e acercou-se dEle bem sorrateiramente, como um gato caminha de forma habilidosa e silenciosa sobre folhas secas.

Krishna não reparou que Sua mãe se aproximava, mas os macacos e corvos, ao vê-la, saíram em debandada, voando para todos os lados. Ao observar os pássaros e macacos saindo em debandada, Krishna a princípio pensou: “Oh! Para onde vão vocês?” Em seguida, compreendeu: “Aha! Há mais alguém no quarto!” Yashoda Maiya estava prestes a pegá-lo quando, olhando por sobre o ombro, Ele a viu. “Oh! É a Maiya!” Num instante pulou do pilão e fugiu correndo.

Krishna correu tão rápido quanto possível. Yashoda, da mesma forma, saiu atrás dEle. “Ah! Você, amigo dos macacos!” exclamou ela, “venha cá!” Krishna corria em zigue zague e Sua mãe não conseguia correr tão rápido por causa de seus seios fartos e sua cintura fina.

Krishna era tão ágil que era difícil correr atrás dEle e alcançá-lo. Mesmo assim, Ele notou que ela acabaria conseguindo, e por isso teve uma idéia: “Vou parar de correr em volta do quarto, dentro de casa.” Na cultura védica, as moças não saem em público sozinhas. Krishna sabia que Sua mãe se sentiria envergonhada de ir atrás dEle, de modo que pensou: “Vou correr para a rua que ela não Me persegue mais.”

A velocidade da afeição

KRISHNA CORREU PARA a rua e mãe Yashoda chegou até a porta, avistou-O e pensou: “Oh! Que fazer?” Olhou para a esquerda e a direita – como não havia ninguém nas redondezas, saiu para a rua e continuou perseguindo Seu filho levado.

Por fim, mãe Yashoda alcançou Krishna. Com a mão esquerda, agarrou a mão direita do filho. Na outra mão, trazia uma vareta e Krishna, de tão amedrontado, cambaleava de um lado para outro ao redor das pernas da mãe.

Este passatempo traz uma ótima lição. Krishna é a meta que queremos atingir. O devoto é o praticante desejoso de atingir esta meta. Krishna é o objeto do amor do praticante. Quando viu Krishna fugindo, Yashoda Maiya precisou correr ainda mais rápido que Krishna para pegá-LO. Os devotos devem praticar de tal maneira que seu amor e afeição superem os de Krishna.

Krishna sente afeição por Seus devotos, que sentem afeição igualmente por seu amado Krishna. Mas, se o amor é igual, ou seja, se Krishna ama o devoto tanto quanto o devoto O ama, Krishna não Se deixa controlar. Contudo, se um devoto sente mais amor e afeição por Krishna do que Ele próprio sente pelo devoto, então este pode controlar Krishna. Krishna era muito amoroso e afetuoso com Sua mãe, mas esta sentia mais amor e afeição por Ele. Seu amor de mãe era imenso em comparação com o amor de Krishna por ela, e foi por isso que ela logrou alcançá-LO. Esta é a conclusão oculta neste passatempo.

Uma briga de amor

MÃE YASHODA, TENDO agarrado Krishna, pôs-se a repre-

endê-LO: “Vou Lhe dar uma surra e tanto!” ameaçou ela. “Sei que Você anda roubando de casa em casa. Você é um ladrão (*chaura*)!”

Krishna replicou: “Oh! Por que diz que sou um ladrão? Não existem ladrões em Minha dinastia, a dinastia de Nanda Baba. Talvez haja algum ladrão na sua dinastia.”

Krishna era tão astuto! Ouvira Yashoda Maiya e Nanda Baba conversando sobre um antepassado de mãe Yashoda chamado Chaura Ghosh. Chaura significa **ladrão**. Krishna agora lembrava-Se de que havia alguém chamado Chaura na dinastia de Sua mãe, e por isso disse-lhe: “Não existe nenhum *chaura* na Minha dinastia, mas existe um na sua.”

“Por que quer Me castigar? Que foi que Eu fiz?” protestou Krishna inocentemente.

“Como quebrou o pote de iogurte?” disse mãe Yashoda.

“Isso foi castigo do Senhor Supremo”, respondeu Krishna.

“E quem deu manteiga de comer aos macacos?”

“Aquele que fez os macacos alimenta os macacos”, disse Krishna.

Yashoda Maiya, apesar de um tanto zangada, dava gargalhadas também. “Ora, diga-me a verdade!” disse ela. “Quem quebrou o pote de iogurte?” repetiu Yashoda.

Krishna explicou: “Ah! Mãe! Você correu para acalmar o leite que estava derramando e, a caminho da cozinha, estava com tanta pressa que suas tornozelas pesadas tocaram no pote de iogurte e quebraram-no. Eu não fiz nada.”

“É verdade? Neste caso, como é que há manteiga em todo o Seu rosto?”

Krishna disse: “Ó Maiya! Todo dia aparece um macaco pondo a mão no pote para comer manteiga. Hoje Eu o peguei. Ele tirou a mão do pote e fugiu correndo, mas a manteiga que estava em sua mão espalhou-se por todo o Meu

rosto. Diga-Me honestamente, Eu tenho culpa disso? Mesmo assim, você Me chama de ladrão e quer bater em Mim.”

“Ah! Você é um mentiroso.”

Atando Krishna com amor e afeição

YASHODA MAIYA PONDEROU: “Que devo fazer? Meu filho é tão inquieto que pode querer fugir. Além disso, se eu não O castigar por Sua travessura, Ele pode acabar virando um criminoso quando crescer.” Então, tomou uma decisão e disse a Krishna: “Como o pilão ajudou-O a roubar manteiga, vou castigar Você e Seu cúmplice, amarrando os dois juntos.”

Yashoda Maiya pegou uma corda e tentou amarrar a barriga de Krishna com ela, mas faltaram dois dedos para que a corda desse toda a volta no corpo de Krishna. Sendo assim, ela pediu a uma serva para trazer-lhe outra corda. Qual não foi sua surpresa quando, mesmo com ambas as cordas atadas, ainda faltavam dois dedos para terminar de amarrar o corpo de Krishna! Suas *sakhis* trouxeram então mais cordas de seus lares, e, por mais que as trouxessem, continuavam faltando dois dedos para amarrar o corpo de Krishna!

Todas as *gopis* gargalhavam, batiam palmas e diziam a Yashoda Maiya: “Ó *Sakhi*, não está escrito na testa de Krishna que Ele pode ser amarrado. Isso não faz parte de Seu destino.”

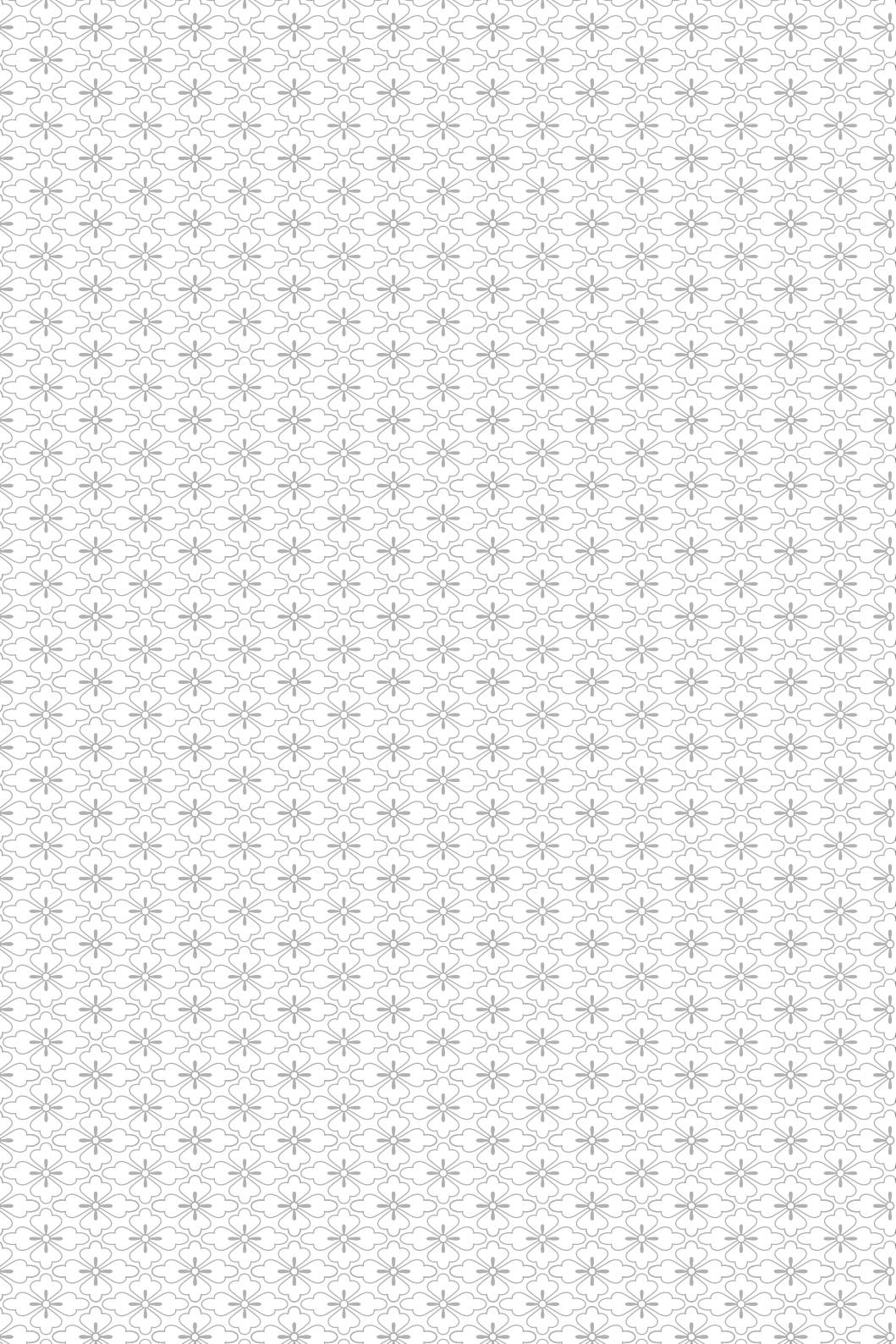
Yashoda pensou: “Ele é meu filho, nascido do meu ventre. Será vergonhoso se eu não conseguir amarrá-lo. Como poderei olhar nos olhos de minhas *sakhis* outra vez?”

Desde cedo até o meio-dia, ela fez repetidas tentativas de amarrar Krishna. Estava ficando cada vez mais fatigada.

Seu rosto enrubescera, ela respirava ofegante, transpirava e as flores de seu cabelo caíam.

Por fim, Yashoda Maiya refugiou-se em Narayana, sua Deidade adorável: “Ó Narayana! Ó Suprema Personalidade de Deus! Por favor, ajude-me a amarrar meu filho!” Naquele momento (quando a Suprema Personalidade de Deus ouviu suas orações), Krishna, diante do esforço árduo de Sua mãe, deixou-Se amarrar por ela. Yogamaya, Sua potência de passatempo, logo expandiu sua influência, após o que Yashoda Maiya, usando a fita com a qual prendia o cabelo, amarrou Krishna com muita facilidade.

Qual é o significado do fato de a corda estar sempre dois dedos menor que o tamanho da circunferência da barriga de Krishna? Um dedo representa nossos próprios esforços, árdus, no sentido de praticar serviço devocional. O segundo dedo representa a misericórdia de Krishna. Quando Krishna nota nosso sincero e repetido empenho em servi-lo, Seu coração derrete de compaixão. Nesse momento, por Sua misericórdia imotivada, Ele Se permite atar pelo *prema* do devoto.



CAPÍTULO QUARTO

Um dilúvio de afeição

A dúvida de Yashoda

APÓS TER AMARRADO Krishna, Yashoda Maiya entrou em casa para continuar seus afazeres domésticos. Voltou a bater o iogurte, porém sua mente estava distante, um tanto perturbada. Yashoda não parava de pensar em Krishna.

“Por que O amarrei?” pensou. “Não devia ter feito isso. Mas, na verdade, agi certo ao amarrá-LO. Se não, Ele teria feito algo ainda mais travesso.” No entanto, logo em seguida pensava que o que fizera não se justificava. “Ele é tão suave e doce, mas eu Lhe causei tanta dor. Não, não a Ele. Causei muita dor a mim mesma. Criei apuros para o meu próprio coração.”

“Que posso fazer? Krishna está tão zangado que me dá medo: se eu O desamarrar, pode sair perambulando por toda a Vraja e eu não serei capaz de controlar Seus movimentos. É melhor deixá-LO onde está por enquanto.” Contudo, ela não estava em paz. Mantinha vigília constante de dentro da casa para ver o que Ele fazia.

O grupo adversário

NESSE MEIO-TEMPO, os vaqueirinhos amigos de Krishna reuniram-se em volta dEle a caçoar. Como riam e batiam palmas, Krishna também fez o mesmo com eles. A mistura de lágrimas e *kajal* escuro secou em Seu rosto, e em Seu peito até a cintura.

Agora Krishna sentia-Se um tanto feliz, esquecido do que Sua mãe Lhe fizera. Os meninos disseram uns aos outros: “Por que não desamarramos as cordas de Krishna e O libertamos?” Krishna ficou entusiasmado: “Sim, sim! Minhas mãos não alcançam toda a volta do pilão para Eu desamarrar as cordas; vocês devem fazer isso, então.” Cada um de Seus amigos tentou fazê-lo, mas o nó estava tão apertado que nenhum deles teve sucesso. Mesmo assim, prosseguiram tentando, um após o outro. Quando um deles fracassava, outro dizia: “Você não consegue desamarrar a corda, mas eu sim”, e em seguida tomava o nó das mãos do outro para tentar. Cada um deles fracassou diversas vezes, mas continuaram persistindo, tomando para si a tarefa ainda mais uma vez.

Madhumangala, o engraçado amigo de Krishna, estava especialmente determinado: “Vocês são todos molengas! Não sabem o que fazer para desamarrá-LO, mas eu sei!” Aproximou-se rápido, tirando os outros meninos do seu caminho, e fez sua tentativa. Mas também fracassou... Por isso, todos os meninos divertiram-se, rindo dele.

Em meio a toda aquela comoção e esforço, os meninos pensavam: “Se Baladeva estivesse aqui, desamarraria Krishna num instante. Tudo isso passaria e poderíamos fazer algo mais.”

Enquanto isso, mãe Rohini aproximava-se dali com Baladeva Prabhu. Baladeva encontrou os meninos brincando com Krishna no pátio e, ao ver Krishna amarrado ao pilão, ficou enfurecido. “Quem fez isto?” disse Ele. “Hei de castigá-lo!”

De tanta raiva, Seus olhos avermelharam-se e Suas mãos tremiam de fúria. Então Subala, aproximando-se dEle, sussurrou em Seu ouvido: “Ó irmão, não Se zangue assim. Foi mãe Yashoda que fez isso.”

“Maiya fez isso? Oh! Se foi ela, nada posso fazer.” Baladeva retrocedeu, pensando: “Deve haver alguma razão por trás deste acontecido.”

O plano de libertação

ENQUANTO ISSO, KRISHNA pensava consigo mesmo. Como é onisciente, lembrou-Se de um passatempo ocorrido no milênio anterior. “Agora Me recordo de como Meu querido devoto Narada amaldiçoou Nalakuvera e Manigriva.”

Nalakuvera e Manigriva eram filhos de Kuvera, um amigo do Senhor Shiva. Shiva é muito próximo e querido de Krishna, logo há uma relação entre eles. O elevadíssimo e santo devoto Narada também era amigo de Kuvera. Certo dia, Narada viu os dois filhos de Kuvera divertindo-se num lago com diversas jovens lindíssimas dos planetas celestiais. As moças e os dois rapazes estavam nus e divertiam-se fazendo diversas brincadeiras, tais como pique-esconde. Quando Narada aproximou-se de onde estavam, as moças se envergonharam, saindo da água rapidamente. Arrepentidas, vestiram suas roupas e prestaram-lhe reverências.

Os dois rapazes, contudo, de teimosos que eram, não mudaram de atitude. Com estavam bastante embriagados

pelo vinho que tinham bebido, abusaram descaradamente de Narada e das moças. “Por que este louco veio parar aqui? Ele é um tolo completo. E vocês todas são iguais a ele porque saíram do lago quando o viram. Isso estragou nossa diversão.”

Os rapazes puseram-se em frente do grande devoto Narada totalmente despidos. Tinham perdido a vergonha e não sabiam mais como respeitar um superior ou um santo. Encarando-os como se fossem árvores secas, Narada pensou: “Esses jovens são muito próximos e queridos de Shivaji, e por isso devo dar-lhes uma boa lição.”

Uma injeção forte

QUEM TEM UM espinho sob a pele sabe o que é dor, mas quem ainda não a tenha experimentado é capaz de causá-la aos outros com facilidade e sem remorso. Podemos ver que certas pessoas cortam a cabeça dos peixes, gargantas de bodes, vacas e outros animais só para comer-lhes a carne. Se alguém aplica nessas pessoas de coração duro uma pequena injeção de consciência, elas podem cair em si e entender: “Não devo fazer isso.” Aquele que entende as leis da natureza dá-se conta de que a dor de cortar o próprio dedo não passa da dor infligida aos outros, voltando-se contra nós.

Devemos atentar para a ortografia da palavra *meat* (“carne” em inglês): nela estão contidos o verbo *eat* (“comer” em inglês) e o pronome *me* (“a mim” em inglês). Isto significa: “Aqueles cuja carne eu comer voltarão para me comer.” Toda ação tem sua reação. Se você abusar de alguém, receberá o mesmo ato de abuso. Se der um tapa em alguém, alguém haverá de dar-lhe um tapa. Os animais que foram abatidos receberão um corpo humano e comerão

aqueles que os mataram em sua vida anterior. Portanto, devemos evitar comer carne e peixe.

Narada, compreendendo a condição caída dos dois rapazes, resolveu dar-lhes uma injeção. “Vocês estão agindo como se fossem árvores, aí parados nus, sem respeitar o superior. Estão se portando de maneira disparatada! Que virem árvores imediatamente.”

Nalakuvera e Manigriva, tendo nascido em família aristocrática, eram muito formosos e ricos. Também eram bem cultos e educados. Semelhantes pessoas, pelo tanto de opulência ao seu dispor, não crêem em Deus para nada, muito menos se interessam em praticar *bhajana* a Krishna (ou seja, oferecer-Lhe seus corações em devoção). Assoberbadas pelo ego falso, pensam: “Sou muito educado e belo. Pertencço a uma família aristocrática; sou um *brahmana* abastado.” Quem pensa assim jamais conseguirá praticar *bhajana* a Krishna.

Suas palavras eram muito poderosas! Manigriva e Nalakuvera sentiram estar se transformando em árvores. Rapidamente dando-se conta da seriedade da situação, prostraram-se aos pés de Narada Rishi. “Ó Narada Rishi, não sabíamos que o senhor era assim poderoso. Vivíamos imersos em nosso falso ego. Agora entendemos que Krishna nos concedeu este corpo humano para fazermos *bhajana*, de modo a podermos realizar quem é Deus. Apenas bebendo e nos divertindo, abusamos de nosso tempo. Por favor, tenha misericórdia de nós. Não pode ser verdade que estejamos virando árvores!”

Narada, então, falou: “Com certeza, o que eu lhes disse haverá de acontecer. Ninguém pode falsificar minhas palavras. Porém, minimizarei o castigo, pois agora vocês se dão conta do quanto foram tolos. Além disso, são filhos do meu amigo. Vocês se transformarão em árvores sim, mas isso

em Vrindavana. Após algum tempo, Krishna surgirá na vizinhança de onde estiverem. Enquanto estiver Se divertindo como um menino, Krishna pessoalmente tocará em vocês dois, e em consequência vocês não somente alcançarão a liberação, mas também *bhakti*.”

Aos poucos, os dois rapazes se apaziguaram

A liberação de Nalakuvera e Manigriva

LEMBRANDO-SE DA PREDIÇÃO de Narada Rishi, Krishna pensou: “Tenho que satisfazer o desejo de Meu devoto.” Krishna é tão habilidoso que, com uma só ação, pode atingir muitas metas e satisfazer muitos desejos

Como Krishna pediu a Seus amigos que empurrassem o pilão para fora do pátio de Nanda Baba, eles passaram a movê-lo na direção do portão. Do lado de fora do portão principal, havia duas imensas e altas árvores *arjuna*, que produziam uma sombra refrescante sobre extensa área, e milhares de pássaros abrigavam-se em seus galhos frondosos. As duas árvores ficavam perto uma da outra, havendo apenas uma passagem estreita entre elas. Krishna engatinhou por entre aquela passagem estreita, mas o pilão era mais largo que Ele. Assim, Seus amigos vaqueirinhos empurraram o pilão, mas este ficou preso entre as duas árvores.

Quando o pilão tocou as árvores, a corda ligou estas a Krishna, como se uma corrente fluísse de Krishna para o pilão e do pilão para as duas árvores *arjuna*. Qualquer pessoa que tocasse no pilão receberia aquela corrente.

À medida que Krishna pressionava o pilão preso entre as duas árvores, pela graça de Narada, estas cederam ao empurrão de Krishna e tombaram causando um tremendo

estrondo. Os amigos de Krishna estiveram brincando com Ele, empurrando, gritando, divertindo-se e fazendo felizes gracejos. Mas, quando as árvores desabaram inesperadamente, os meninos ficaram amedrontados. O que estava acontecendo?

Tão logo as árvores foram ao chão, dois belos semi-deuses surgiram diante de Krishna e Lhe ofereceram orações e reverências. Krishna então abençoou-os, dizendo-lhes que iriam a Sua morada eterna, onde cantariam sobre Seus pas- satempos maravilhosos. Eles circungiraram Krishna e em seguida rumaram a seu glorioso destino.

O temor e choque de Yashoda

ENQUANTO ISSO, MÃE Yashoda estivera inquieta, incapaz de se concentrar no que fazia. Ao ouvir o estrondo, encheu-se de medo. “De onde vem esse ruído? Oh! Vem de bem perto de onde Krishna está, bem perto.” Seu coração palpitava de medo; num instante ela correu na direção do som. Todos os demais residentes de Vraja acudiram às pressas.

Ao chegarem ao local, sentiram-se profundamente aliviados e agradecidos por sua boa fortuna. As árvores haviam tombado, não por sobre Krishna, mas cada uma à Sua direita e esquerda, de modo que Ele não sofreu um arranhão sequer. Mesmo assim, todos estavam aterrorizados.

Yashoda viu tudo de longe. “Oh! As duas árvores foram arrancadas pela raiz e Krishna está no meio delas! Que teria acontecido se tivessem caído sobre Ele?” Depois disso, mal suportava seus pensamentos, ficando completamente atur- dida, sem nenhuma sensação, tal qual madeira seca. Não se viam lágrimas em seu rosto, nem sinais respiração. Apenas ficou ali parada, como uma pilastra.

NANDA BABA ESTIVERA tomando banho no Brahmanda Ghata, e também correu para saber o que causara aquele estrondo. Ao ver Krishna amarrado ao pilão, ficou boquiaberto. Fervendo de raiva, pôs Krishna no colo e Lhe perguntou: “Quem fez isto?”

Os meninos o rodearam, exclamando: “Baba! Baba! Baba! Krishna tocou nas duas árvores e elas foram arrancadas pela raiz! Duas pessoas muito formosas, como se fossem deuses ou raios de sol, saíram das árvores. Começaram a orar e Krishna lhes disse algo. Depois, andaram ao redor de Krishna, prostraram-se no solo diante dEle e partiram rumo ao norte.”

Nanda Baba não acreditou no que ouviu. “Esses meninos são simples demais”, pensou. “Como poderia Krishna ter arrancado duas árvores imensas pela raiz? Talvez fossem dois demônios enviados por Kamsa para matar Krishna. Quanto a Yashoda, de tão cruel e sem inteligência, não se dá conta do perigo ocasionado por seus atos.” De repente, pensou no impensável: “E se Krishna tivesse morrido?” Ficou atônito, sem atinar em mais nada.

Logo após a queda das árvores, Krishna, feliz, caiu na gargalhada. Porém, ao ver Nanda Baba aproximando-se, passou a chorar bem alto. Assim que Nanda Baba chegou, Krishna lhe disse em tom de dar pena: “Mamãe disse que ia Me bater!” Agora Krishna soluçava, dando suspiros prolongados entre Suas palavras e Seu choro.

Nanda Baba procurou apaziguar Krishna, que chorou mais ainda. Enxugando as lágrimas de Krishna com seu *chaddar*, perguntou-Lhe: “Querido filho, quem O amarrou?” Mas Krishna não queria dizer-lhe nada.

Nanda Baba repetiu: “Quem O amarrou? Diga-me! Vou castigar quem quer que tenha feito isso.” Seguiu repetindo a mesma pergunta à medida que desamarrava os nós da corda que prendia Krishna ao pilão.

Finalmente, Krishna, chegando a boca bem perto do ouvido de Nanda, sussurrou: “Mamãe Me amarrou.”

Nanda Baba ficou assombrado com a revelação de Krishna. “Sua mãe O amarrou? Oh! Eu não sabia que ela era tão cruel.” O pai deu um *laddu* a Krishna e Krishna, segurando-o na mão, não o comeu. Krishna já estava mais tranquilo e quase não se viam lágrimas em Seu rosto. Nanda Baba acariciou a cabeça e o corpo de Krishna, que olhou sério e amedrontado para mãe Yashoda.

Mãe Yashoda estava ausente da consciência externa. Continuava imóvel, sentada e rodeada por suas amigas *gopis*, que, podendo ler seu coração, sentiam-se profundamente tristes. Como desejavam que Krishna viesse para o colo de Yashoda!

Nanda Baba, também muito sério agora, colocou Krishna e Baladeva nos ombros, Baladeva no ombro direito e Krishna no esquerdo, e dirigiu-se ao Brahmanda Ghata para banhar-se no Yamuna. Deu banho em Krishna e Baladeva e em seguida banhou-se, para que todos se purificassem após aquele evento inauspicioso. Depois, recolocou Krishna e Baladeva nos ombros e voltou para casa. Já passava das duas da tarde, mas ninguém cozinhou nada na casa de Yashoda aquele dia. Quem iria fazê-lo? Yashoda e suas *sakhis*, de tão perturbadas, continuavam fitando o vazio. Nenhuma delas pensara em cozinhar, muito menos em comer.

Quando mãe Rohini viu Nanda Baba chegando com os dois meninos, dirigiu-se rápido à cozinha e fez um pouco

de mingau doce. Entregou-o a Nanda Baba, que deu de comer aos meninos, primeiro a Baladeva, depois a Krishna. Quando as crianças ficaram satisfeitas, ele próprio comeu um pouco. Ainda muito sério, saiu logo depois de comer.

Os lares na Índia, sobretudo aqueles de pessoas abastadas, dividem-se em duas partes. A parte interna da casa, reservada para as moças, é onde ficam a cozinha e outros cômodos destinados às tarefas domésticas. Já a parte externa, destinada aos homens, é composta por um pátio ou uma sala de visitas e um secador, para secar as roupas sem que sejam roubadas pelos macacos. Foi para este setor externo da casa que Nanda Baba se dirigiu.

Ao fim da tarde, chegara a hora da refeição vespertina. Como ninguém cozinhar ainda, Nanda Baba levou os meninos ao curral. Ali, ordenhando as vacas, direcionou o jato de leite para as bocas de Krishna e Baladeva, e também Lhes deu açúcar-cande. Os dois meninos comeram e beberam até ficarem de barriga cheia. Depois, Nanda Baba voltou para casa com Eles. Àquela altura, já anoitecera.

“Traga Krishna para Yashoda Maiya”

A ESSA ALTURA, todas as *sakhis* de Yashoda, em especial Rohini e a esposa de Upananda, estavam muito preocupadas. Todas as senhoras mais velhas acompanharam mãe Rohini até onde Nanda Baba estava sentado com Baladeva e Krishna no colo.

As *gopis* mais velhas disseram a Baladeva: “Além de Você ser mais forte que Krishna, também é Seu irmão mais velho, e por isso Ele sempre Lhe dá ouvidos. Venha, rápido! Leve-O direto para o colo de Yashoda Maiya.” Baladeva tentou tirar Krishna do colo do pai, mas Krishna Lhe deu

um empurrão tão forte que fez Baladeva cair. Krishna envolveu Seus braços com firmeza em torno do pescoço de Nanda Baba.

Rohini disse: “Ó rei Nanda! A mãe de Krishna não comeu nada hoje. Continua sentada num canto, dura e calada como uma pedra. Todas as *gopis* da casa, de tão tristes, também estão sentadas em silêncio, sem nada comer ou beber.”

“Que posso fazer?” disse Nanda Baba. “Ela deve entender que agiu com crueldade, e este é o resultado de sua raiva.”

Escorreram lágrimas dos olhos das *gopis* mais velhas, que disseram: “Ai de nós! Ai de nós! Você não devia chamá-la de cruel! Não é correto usar semelhante palavra. Ela é extremamente suave, tanto interna quanto externamente.”

Ouvindo isso, o rei Nanda ficou mais emocionado. “Lala! Quer ir com Maiya?”

“Não! Não! Quero ficar com você”, replicou Krishna enfaticamente.

“Quero ficar com o papai!”

ENTÃO, ROHINI MAIYA dirigiu-se a Krishna: “Krishna, onde Você vai passar a noite? Onde vai dormir?”

“Vou dormir com o papai.”

“Com a mamãe, não?”

“Não.”

A esposa de Upananda disse: “Você pode ficar com o Baba, mas o que vai comer? Quem vai Lhe dar de mamar?”

“Vou beber leite direto dos úberes das vacas. Meu Baba vai Me dar leite e açúcar-cande também.”

“Com quem vai brincar?”

“Vou brincar com Meu irmão e Nanda Baba.”

“Não quer ir com Sua mãe?”

“Não, nunca mais quero estar com ela.”

Nanda Baba disse: “Por que não vai com Rohini Maiya?”

Soluçando, Krishna declarou, irritado: “Eu gritei o nome de Minha mãe mais velha pedindo para ela Me desamarrar, mas ela nem ligou para Mim, e Rohini Maiya tampouco...”

Quando Rohini ouviu isso, escorreram lágrimas pelo seu rosto e ela disse em tom suave: “Lala! Não seja tão cruel. Sua mãe está chorando por Você!”

Também os olhos de Krishna ficaram mareados de lágrimas quando ouviu Rohini. Ele Se virou e olhou para o rosto do pai. Começou também a cair uma chuva de lágrimas dos olhos do Baba.

“Lala! Devo bater em Sua mãe?” perguntou Nanda a Krishna. Ele ergueu as mãos, fazendo um gesto como se estivesse batendo em alguém. Sem conseguir tolerar aquilo, Krishna segurou as mãos do pai com firmeza. Naquele momento, Nanda Baba lembrou-se da angústia no coração de Yashoda.

Então, Rohini Maiya disse a Krishna: “E se Sua mãe...” Fazendo uma pausa, estalou os dedos por sobre a cabeça, o que significava: “E se ela morrer?”

Vendo aquilo, Krishna ficou muito ansioso e começou a chorar bem alto: “Oh! Mamãe! Mamãe!” Desceu do colo do pai e, por Sua conta, correu na direção da mãe, com os braços estendidos, querendo sentar-Se no colo dela.

Rohini Maiya, que também chorava, pegou o choroso Krishna nos braços e O levou depressa para os cômodos das senhoras, pondo-O no colo de mãe Yashoda.

Mãe Yashoda, que até aquele momento estivera congelada como uma estátua, ressuscitou e sentiu-se muito aliviada quando viu Krishna em seu colo.

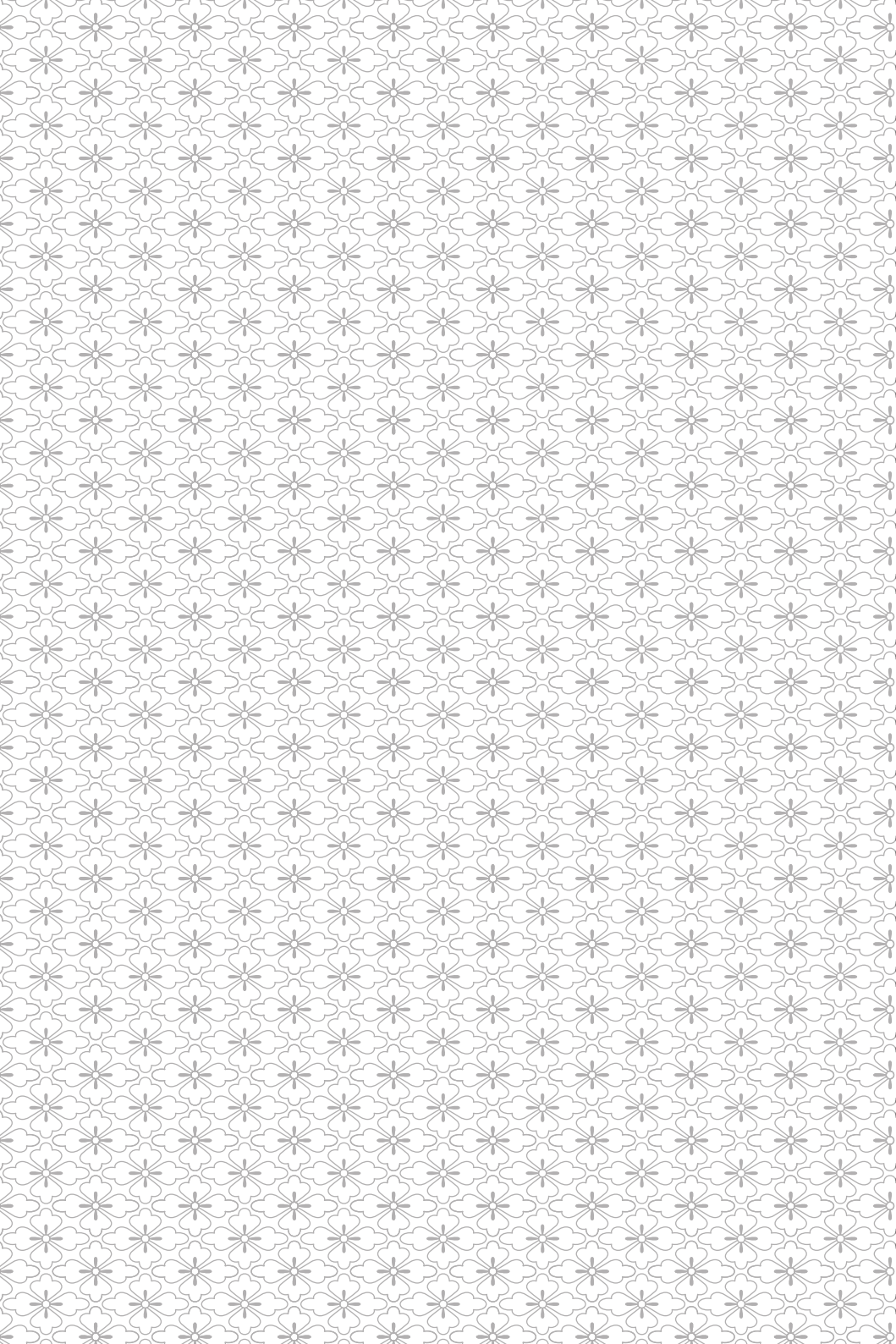
“Meu filho querido! Meu filho querido!” exclamava repetidas vezes. Tremendo e com o coração derretendo, cobriu Krishna com seu véu e caiu em prantos como um pássaro *kurari*. Krishna começou a consolá-la: “Mamãe! Mamãe! Mamãe!” Rohini Maiya e todas as demais *gopis* agora ali reunidas também começaram a chorar bem alto.

Yashoda chorava, Krishna chorava, Rohini chorava e todas as *gopis* choravam. Na sala de visitas, Nanda Baba chorava também. Todos choravam, e toda a área ficou inundada com os condensados humores de amor e afeição parental.

Yashoda, de tão envergonhada e embaraçada, não se movia, mas Krishna agarrou seu véu e puxou-o. Assim, ela não resistiu, deixando que Krishna a trouxesse para Nanda Baba.

Nanda Baba tomou prasadam, deu um pouco a Krishna e Balarama e deixou alguns remanentes, que foram distribuídos a todos na casa de Yashoda. Agora Krishna estava sentado no colo de Sua mãe, e naquela noite dormiu com ela pacificamente.

Krishna, a Suprema Personalidade de Deus, realiza muitos doces passatempos. Por quê? Para renovar o amor e afeição daqueles que O amam intensamente.



CAPÍTULO QUINTO

A gloriosa fruteira

Atraída por Nanda-nandana

AO MESMO TEMPO em que Shri Krishna realizava Seus passatempos em Vrindavana, havia uma senhora da cidade vizinha de Mathura que vendia frutas dulcíssimas. Ela ia até as aldeias rurais, onde viviam muitas criancinhas, e caminhava pelas vielas, exclamando: “Mangas! Laranjas! Bananas! Goiabas!” Como suas frutas eram lindas e maduras, muitas crianças corriam em sua direção e as pediam de maneira graciosa, reunindo-se em volta dela com olhinhos cobiçosos: “Mãe! Mãe! Quero comer aquela fruta.” Ela era muito popular entre as crianças.

Certo dia, a fruteira, ouvindo o nome Nanda-nandana, que significa ‘o filho de Nanda’, sentiu-se muitíssimo atraída. Alguém lhe disse: “Yashoda deu à luz um menino lindíssimo, cujo nome é Krishna. Ele é tão belo e atraente que quem quer que vá a Gokula e O veja uma só vez não consegue mais fixar a mente em suas atividades. Pode ser que volte a algum lugar, mas não mais com a mente e o coração.” Tendo ouvido aquilo, a fruteira quis ver o menino.

Exclamando para atrair Krishna

CERTO DIA, PEGOU um cesto cheio de frutas e, com alguma dificuldade, atravessou o rio Yamuna num barco decorado com folhas de bananeira. Em seguida, tomou o rumo de Gokula, que ficava a alguns quilômetros de onde atravessara o Yamuna.

A fruteira foi para Gokula e, lá chegando, começou a anunciar suas frutas em voz alta para atrair compradores. Sua intenção era exclamar: “Frutas! Bananas! Mangas! Laranjas! Goiabas!”, mas, como só pensava em Krishna, exclamava: “*Govinda! Damodara! Madhava!*”

Então passou a bradar ainda mais alto: “*Govinda! Damodara! Madhava!*” caminhando com o cesto na cabeça. As mulheres indianas conseguem levar cestos sobre suas cabeças sem os tocarem com as mãos. Podem levar dois, três ou mesmo quatro potes d’água, um acima do outro, sem os segurarem. As *vraja-gopis* são hábeis nesse ofício. Mesmo atualmente, é possível vê-las fazendo isso em Vrindavana.

A fruteira prosseguiu clamando assim, seu coração vibrando: “*Krishna! Govinda! Damodara!*” Por todo aquele dia, deu giros em Nandagrama, onde Krishna morava com Seus pais, mas Ele não apareceu. Ela regressou no dia seguinte, e no outro também, porém, ainda não conseguiu ver Krishna.

O voto da fruteira

DEPOIS DO TERCEIRO Depois do terceiro dia, ela fez um voto: “Se Krishna não permitir que eu O veja hoje, não voltarei mais, abandonarei minha vida.” Com esta convicção, absorveu-se de tal maneira em cantar: “*Govinda! Damo-*

dara! Madhava!” que Krishna não conseguiu Se conter ao ouvir aquele chamado. Mesmo estando no colo de Yashoda, rapidamente levantou-Se para ir ao encontro da fruteira. Como já vira comerciantes anunciando seus produtos, Krishna sabia que a fruteira Lhe daria uma fruta se Ele em troca Lhe oferecesse algo. Ao sair de casa, viu um saco de grãos, pegou um punhado com Suas mãozinhas e correu para o pátio. “Oh! Quero umas frutas, quero algumas! Dê-Me frutas!”

Por ser de casta inferior, a fruteira aguardava do lado de fora da casa. Não podia entrar na casa de mãe Yashoda, nem sequer no pátio. Embora Krishna tivesse tentado trazer um punhado de grãos para a troca, Suas mãozinhas não conseguiram segurá-los. A maior parte dos que colhera já havia caído ao chão no caminho. Restavam apenas uns poucos, mas, não percebendo isso, Krishna pensava ter as mãos tão cheias que em troca a fruteira Lhe daria muitas frutas.

Ao ver Krishna, a fruteira absorveu-se por completo naquela visão maravilhosa. Sentou-se e não parou de fitá-lo. Num instante, havia dado seu coração a Krishna.

“Dê-Me frutas! Dê-Me frutas!” disse-lhe Krishna.

“O que vai me dar em troca?”

“Eu trouxe um monte de grãos.”

Sorridente, a fruteira disse: “Ó menino, não há grãos em Suas mãos.”

Krishna olhou para Suas mãos e, surpreso, constatou que não restava grão algum. Mesmo assim, queria as frutas. A fruteira olhou para o rosto de Krishna e Lhe disse: “Se Você me chamar de mãe e Se sentar em meu colo, dar-Lhe-ei todas as frutas que quiser.”

Krishna olhou para os lados para ver se alguém espiava. Ele é muito afetuoso com todos os Seus devotos e nem por

alto Se importa com a casta ou classe em que nasceram. Mas agora fazia o papel do filho do rei de Vraja. “Não sei o que acontecerá se Minha mãe, ou qualquer pessoa de Vraja, Me encontrarem sentado no colo desta senhora”, pensou. “E Meus amigos, que diriam se ficassem sabendo que Eu a chamei de ‘mãe’?” Por isso, olhava com cuidado, para ver se alguém observava.

Quando teve certeza que não havia ninguém nas redondezas, Krishna rapidamente sentou-Se no colo da fruteira e disse-lhe: “Mamãe!” Em seguida, tão rápido quanto Se sentou, saiu de seu colo e exigiu: “Agora deve Me dar as frutas.”

A fruteira ficou maravilhada: Krishna satisfizera todos os seus desejos. Ela queria Lhe dar tudo, todas as frutas, mas Suas mãos tão pequenas só podiam com duas mangas e uma banana. Acomodando as frutas contra o peito com ambas as mãos, Krishna afastou-Se a dançar, como os meninos costumam fazer.

Dirigindo-Se à mãe, Krishna colocou todas as frutas sobre o véu dela. Yashoda pôs-se a distribuí-las entre suas amigas e se alegrou muito ao perceber como o suprimento de frutas parecia interminável: mesmo depois de todas as *gopis* ganharem frutas, ainda sobraram tantas!

O que aconteceu com a fruteira? Quando Krishna, sentando-Se em seu colo, chamou-a “Mamãe!”, ela se viu tomada por sentimentos e emoções transcendentais. Naquele momento, entregou todo o seu coração e mente para Krishna.

Permaneceu sentada ali, totalmente imóvel, por um longo tempo, fora do portão, sem acreditar no que lhe acontecera. Quando alguém se aproximava e lhe perguntava: “Por que está assim parada aqui?”, ela não conseguia responder nada.

POR FIM, PRÓXIMO ao anoitecer, a fruteira colocou o cesto na cabeça e partiu para sua casa. Ao chegar às margens do rio Yamuna, percebeu: “Meu cesto está muito pesado – o que há nele?”

Baixando o cesto, olhou em seu interior e ficou impressionada com o que viu. Ele estava cheio de incontáveis jóias maravilhosas, cada uma de valor igual a todo o tesouro do rei Kamsa!

Transformada, a fruteira estava agora imersa em outra realidade. Parada às margens do Yamuna, exclamou: “Para que servem todas essas jóias?” E atirou-as no Yamuna. Com as mãos erguidas acima da cabeça, começou a cantar como se fosse uma louca: *Govinda Damodara Madhaveti, Govinda Damodara Madhaveti!*

Estava sem o seu véu, que caíra em algum lugar. Em colapso, caiu ao solo, chorando. Perdera o sentido das coisas, só lhe restava o sentido da existência de Krishna. Jorravam lágrimas de seus olhos e seu coração derretia.

Krishna, conhecendo por completo o coração da fruteira, pensou: “Oh! Ela gostaria de ser Minha mãe!” Então, dando-lhe um corpo espiritual lindíssimo, levou-a em seguida para Sua morada suprema, Goloka Vrindavana, onde ela pôde agir como Sua mãe eternamente.

Como apenas seu corpo jazia ali às margens do Yamuna, apareceu alguém que o cremou.

Cantando do fundo do coração

É MARAVILHOSO SEGUIR os passos daquela fruteira, se assim o desejarmos. Srila Gurudeva vem a este mundo para

nos dar isso, para borrifar esta misericórdia açafroada sobre nós. Não dá para retribuir-lhe com riqueza, ou reputação, ou qualquer coisa deste mundo. Nada possuímos de igual valor com que possamos retribuir a Srila Gurudeva.

Devemos meditar nas glórias de Srila Gurudeva e tentar entender quem ele é. Seu objetivo é nos dar a mesma riqueza que Krishna deu àquela fruteira. Procuremos aceitar o que ele veio nos dar. Não desperdicemos nosso tempo valioso, nem este precioso corpo humano. A partir deste momento, busquemos ser assim, sempre absortos daquela maneira, sempre cantando:

*Govinda Damodara Madhaveti,
Govinda Damodara Madhaveti,
Govinda Damodara Madhaveti,
Govinda Damodara Madhaveti!*

Como devemos cantar? Não como uma canção comum. Devemos orar a Krishna do fundo do coração e então Krishna nos ouvirá. Caso contrário, mesmo que cantemos como profissionais, nada será ouvido. Krishna não precisa desse tipo de música e já conhece muitas canções. Ele quer é o nosso coração. Podemos até saber cantar muito bem, mas Krishna quer mais do que isso.

Devemos orar assim, com toda a entrega e coração – então, Krishna nos dará ouvidos. Seja lá o que cantarmos, qualquer que seja o *kirtana*, estejamos absortos nele profundamente. Se cantarmos apenas para fazer um show, alimentando nossa vaidade, de nada valerá. Krishna não nos dará ouvidos. Porém, se cantarmos e ouvirmos sinceramente, Krishna aparecerá para nós de imediato e dar-nos-á Sua riqueza: *prema-bhakti*.

*Obra de Shri Shrimad Bhaktivedanta
Narayana Goswami Maharaja*

Arcana-dipika	Sri Damodarastakam
Beyond Nirvana	Sri Gaudiya Giti-guccha*
Sri Bhakti-rasamrta-sindhu-bindu	Sri Gita-govinda
Sri Bhajana-rahasya	Sri Guruvani-pradipa – Diálogos Iluminados, Vol. 1*
Bhakti-rasayana	
Bhakti-tattva-viveka*	Sri Harinama Maha-mantra*
Sri Brahma-samhita	Sri Navadvipa-dhama-mahatmya
Sri Brhad Bhagavatamrta – Second Canto, Part One	Sri Navadvipa-dhama Parikrama
Controlado pelo amor*	Sri Prema-samputa
Damodara-lila-madhuri	Sri Radha-Krsna-ganodesa-dipika
A Essência do Bhagavad-gita*	Sri Sankalpa-kalpadrumah
Five Essential Essays	Sri Siksastaka*
Indo Além de Vaikuntha*	Sri Upadesamrta*
Felicidade no Paraíso dos Tolos*	Sri Vraja-mandala Parikrama
Jaiva-dharma*	Srila Bhakti Prajñana Kesava Gosvami – His Life and Teachings
Letters from America	Sri Raya Ramananda Samvada
Sri Manah-siksa*	Srimad Bhagavad-gita
My Siksa-guru and Priya-bandhu	Krishna – O Ladrão de Manteiga*
O Príncipe Destemido*	The Essence of All Advice
Pinnacle of Devotion	The Journey of the Soul
Sri Prabandhavalī	O Néctar de Govinda-lila*
Secret Truths of the Bhagavatam	The Origin of Ratha-yatra
Segredos do Eu Encoberto*	O Caminho do Amor*
Siva-tattva	Venu-gita
Sri Camatkara-candrika	Rays of the Harmonist (periodical)
	Walking with a Saint (2008)

*livros em português

International Pure Bhakti Yoga Society – IPBYS

Sociedade mundial de *bhakti-yoga* sob a orientação e inspiração de Shri Shrimad Bhaktivedanta Narayana Goswami Maharaja

CONTATOS NO BRASIL

Templos

IGVI / SRI GAURAVANI GAUDIYA MATHA

Rua Edson Passos, 742/ casa
Alto da Boa Vista, Rio de Janeiro, RJ
(21) 2238-3839 / (21) 9681-1831
contato@guravani.com.br
www.guravani.com.br

SRI GANGAMATA GAUDIYA MATHA

Rua Fradique Coutinho, 687
Pinheiros – São Paulo, SP
(11) 3892-0340
gangamatas@hotmail.com
www.gangamatas.com

KESHAVAJI GAUDIYA MATHA, SOCIEDADE

INTERNACIONAL DE BHAKTI-YOGA
Rua Maranhão, 938 – apto. 1002
Funcionários, Belo Horizonte, MG
(31) 3225-9035 (falar com Baladeva
Das Brahmachari) www.keshavaji-
gaudiyamathbh.blogspot.com

Restaurante

JAGANNATHA

RESTAURANTE LACTOVEGETARIANO
Rua 24, Quadra 22, Lote 03
Conjunto Itatiaia – Goiânia, GO
(62) 8239-0581

Centros Culturais / Contatos

BRASIL GAUDIYA MATHA

Fortaleza, CE
gaudiyavaishnava@gmail.com
brasilgaudiyamath.blogspot.com

SRI SRI RADHA-GOVINDA GAUDIYA MATHA

Trav. Dr. Jamil José Elias, 24
Centro – Taubaté, SP
(12) 3025-4118
gokulananda_prya@hotmail.com

GOURA PREMA SANGA

Penedo, RJ
(24) 9818-9062 (falar com Anuvilasa
Manjari Devi Dasi ou Partha Sharathi
Dasa) gouraprema.penedosanga@
gmail.com

Asrama Rural

SRI GAIA VRINDAVANA DHAM

ASRAMA RURAL VAISNAVA
Beco do Pesqueiro, 3501
Bairro Passo da Areia – Viamão, RS
(51) 9982-2475 (51) 8127-7481
gaiavrndavana@hotmail.com
srigaiavrndavanadham.blogspot.com